

SUMÁRIO

- 65 — ● Mensagem dos Bispos do Brasil Sôbre o Concílio
- 71 — ● Relatório Anual da CRB — PADRE TIAGO G. CLOIN, C.S.S.R.
- 85 — ● Encontro de Viarnão (julho de 1964)
- 99 — ● Prelazias do Brasil, um Problema Missionário Urgente e Desconhecido — DOM AFONSO MARIA UNGARELLI, M.S.
- 107 — ● Doutrina e Prática da Vida Religiosa — DOM HENRI MAZERAT
- 113 — ● O Conselho de Pensionato — MADRE MARIE PIERRE, F.M.A.
- 117 — ● Consultas (IV — *Aproveitamento das religiosas nos cargos*)
- 119 — ● Note e Anote (*Encontro de Mestras e Mestres de Noviciado (II) — Ouvintes religiosas chamadas ao Concílio — Instituto Superior de Pastoral Latino-Americano*)
- 124 — ● CRB Informa
- 127 — ● Recensões Bibliográficas

Mensagem dos Bispos do Brasil Sobre o Concílio

Os bispos brasileiros que participaram do terceiro período de sessões do Concílio Ecumênico divulgaram a seguinte mensagem sobre os trabalhos conciliares realizados:

ACABAMOS de viver em Roma a terceira sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, neste clima peculiar que a ação de Deus determinou na história dos homens e que se traduz na expressão "Igreja em Concílio". A palavra final do Evangelho, "eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos" torna-se viva como nunca nos dias atuais. É a presença de Cristo na Igreja na atualidade do mundo: "Igreja de Cristo, luz dos povos". Querendo de tudo isso dizer alguma coisa aos nossos sacerdotes e fiéis, ao retornarmos ao trabalho pastoral cotidiano de nossas dioceses, parece-nos podermos sintetizar nossa mensagem no triplice diálogo que a Igreja pretende realizar pelo Concílio e que encerra todo o seu vasto programa de renovação: diálogo interno da Igreja, diálogo com os irmãos separados, diálogo com o mundo de hoje.

Diálogo interno da Igreja

Para poder falar ao mundo e nêle exercer a influência salvadora que é a sua divina missão, a Igreja deve apresentar-se: "Quem és tu, que dizes de ti mesma?"... Para responder a estas interrogações, a Igreja procura definir-se a si mesma e faz um autêntico exame de consciência, confrontando com as linhas que lhe marcou o divino Fundador a fisionomia histórica que os anos e as vicissitudes lhe foram amoldando; para se alegrar com a indefectível fidelidade substancial que a assistência do Espírito Santo lhe garante e para desfazer-se com humildade e coragem de tudo aquilo que eventualmente se tenha tornado ineficiente ou mesmo apto

nos seus métodos, no seu estilo, na linguagem que usa para falar com os homens. A Constituição De Ecclesia, que acaba de ser promulgada pelo Concílio, mostra a Igreja como a Espôsa de Cristo, pela qual Ele se imolou a fim de santificá-la e que há de ser a Ele indissolúvelmente unida no amor, na fidelidade, "sem mancha e sem ruga" (Ef 5, 27). É ainda a Igreja o Templo de Deus, no qual Cristo é a Pedra angular, e que, sôbre o alicerce dos Apóstolos e Profetas, se constrói de pedras vivas que são todos os fiéis, realizando a arquitetura sobrenatural da Jerusalém terrestre, prelúdio da beleza indefectível da eterna Jerusalém. A Igreja é sobretudo o Corpo Místico de Cristo, do qual pelo batismo nos tornamos vivos, múltiplos e variados como acontece em todo organismo, unidos porém na mesma unidade vital, solidários nas alegrias e nos sofrimentos, "crescendo o crescimento de Deus" (Col 2, 19).

Esta Igreja é o Povo de Deus, que com Deus vem caminhando desde que Ele o chamou e "de não Povo fêz seu Povo", "estirpe eleita, sacerdotício régio, gente santa, povo que a Deus pertence" (I Pe, 2, 9-10). É maravilhosa esta realidade do Povo de Deus em marcha pelo mundo em busca de uma perfeita unidade católica, na qual um grande número já está totalmente integrado, outros estão a caminho, outros têm pelo menos a vocação e a destinação iniciais, que a vontade salvadora de Deus a todos estende. Essa consideração é sem dúvida um dos pontos altos do Concílio, pois abre largas portas de convite e esperança para o mundo inteiro e provoca em nós, filhos da Igreja, uma aguda consciência de nossa responsabilidade perante o mundo. Pois êste só se irá agregando à nossa caminhada, na medida em que brilhar para êles o esplendor da felicidade que sentimos de ser o Povo de Deus.

Presente no mundo, a Igreja é o prolongamento de Cristo no tempo e no espaço. Assim como Cristo é Deus feito Homem, análogamente a Igreja apresenta uma face humana, enriquecida de todos os dons celestes, mas vivendo ainda entre homens frágeis e imperfeitos. O Concílio apresenta uma e outra face da Igreja, mas é especialmente proveitoso o que vem salientando sôbre sua face humana, de quem se encontra no meio dos homens, na convivência dos homens. Peregrina com os homens, em busca de Deus e do Céu, Ela caminha na fé e não ainda na luz da glória, permeada de esperança para chegar à perfeita caridade. Como a Virgem Maria, exemplo e tipo da Igreja, Ela ouve a Palavra de Deus, conserva-a em seu coração, meditando, refletindo sôbre Ela para transmiti-la tal qual a sente e vive. Se a Igreja na sua realidade humana medita, reflete, sente e vive, na sua realidade divina conserva e transmite a revelação sob a assistência especial do Espírito Santo e a direção do magistério que Cristo confiou ao Papa e aos Bispos. Segue-se daí que a Sagrada Escritura deve ser lida na Igreja com os olhos, a inteligência, o coração da Igreja.

Na mesma linha de analogia com Cristo, assim como o Filho de Deus realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, "tomando a forma de servo, Ele que é Deus" (Filip 2, 6) "tornando-se pobre por nosso amor, Ele que é rico" (II Cor 8, 9), assim a Igreja, devendo embora usar

dos bens terrenos para a dignidade do culto e o exercício de suas variadas funções, há de ser a Serva humilde para servir a Deus e aos homens na pobreza, na humildade, carregando a cruz com o Mestre, na mais profunda caridade, num total esquecimento e despojamento de si mesma: "tende em vós os mesmos sentimentos que teve Cristo Jesus" (Filip 2, 5-11). Da consciência do seu aspecto divino-humano nasceu na Igreja, pelo Concílio, uma renovada atitude pastoral e ecumênica, verdadeiro sinal dos tempos, que brilhou na personalidade do Papa João XXIII e que se irradia de tóda a atuação do Santo Padre Paulo VI.

Pastoral, Ela quer imitar o Bom Pastor e dirigir os homens, caminhando lado a lado com eles para o reino celeste. Continuamente ressoam aos seus ouvidos as sagradas palavras: "Ide, ensinai a todos os povos, batizai-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28, 19-20). Esta missão a penetra em todos os sentidos. É o que justifica a sua índole missionária, evangelizadora: Ela é o fermento, o sal, a luz dos povos.

Ecumênica, Ela está aberta para um diálogo constante, primeiramente com os próprios filhos, depois com os cristãos não católicos, e finalmente com todos os homens de boa vontade. A Igreja está decidida a aproximar-se de tóda e qualquer criatura humana com grande respeito, compreensão, caridade, sem atitude polêmica, sem espírito de triunfo, de vitória sem a veste de juiz: "Não fui enviado para julgar o mundo e sim para salvá-lo" (Jo 3, 6) com espírito repassado da mais intensa ternura maternal. Desta atividade pastoral e ecumênica somos responsáveis todos quantos formamos a Igreja. Então o Concílio vai iluminando dia a dia o caminho de todos para que cada um no seu modo e medida coopere na missão evangelizadora, missionária, santificadora da Igreja.

Em primeiro lugar vem o Santo Padre, de cuja suprema e universal autoridade o Concílio renova a solene proclamação. Sua presença na Igreja e no mundo se reveste cada vez mais de uma auréola de universal solicitude e de atuação direta a serviço do Evangelho. Assim o evidenciam a celebração do Concílio, sua ação pastoral como Bispo de Roma, a visita à Terra Santa para o encontro com o Oriente cristão, muçulmano e israelita, e agora a visita à Índia, num incomensurável gesto de compreensão e amor para com o mundo das grandes religiões asiáticas, onde não faltam consoladores sintomas das preparações evangélicas que Deus semeou na História.

Os Bispos, por sua vez, recebem do Concílio novos estímulos para a sua ação pastoral e alargam o coração na solicitude para com a Igreja inteira. Cada Bispo é centro do Governo, do culto, da pregação da Palavra de Deus em sua diocese. Mas ao mesmo tempo todos juntos convivem com o Papa e sob sua autoridade e responsabilidade sôbre a Igreja inteira, de tal sorte que procuram desenvolver sua atividade pastoral cada vez mais em consonância com os Bispos de todo o mundo.

Cooperadores imediatos dos Bispos, os Sacerdotes vêem agora reafirmada pelo Concílio a realidade consoladora do seu sacerdócio, cuja grandeza se manifesta na presença e ação direta no seio do Povo de Deus,

na pregação, no culto, nos sacramentos, confiada a tarefa de santificarem e governarem sob a autoridade do Bispo uma porção do rebanho do Senhor, tornaram aí visível a Igreja Universal e concorrem valiosamente para a edificação do Corpo de Cristo. (Const. De Ecclesia).

Os Religiosos vêem sua vocação na Igreja apresentada como consagração que floresce da raiz do próprio batismo como testemunho vivo de adesão a Cristo, de conformidade ao seu exemplo, de superação do efêmero e do temporal e premissa da vida futura e da glória do reino celeste.

Os Leigos, então, recebem do Concílio a bênção de uma grande convocação. Eles também são Igreja, deles depende em grande parte a vitalidade cristã do Povo de Deus. São eles que fazem do lar o primeiro púlpito da pregação do Evangelho, são eles que consagram a sua presença, suas atitudes, suas ações à esfera dos negócios temporais, como fermento colocado na massa para a levedação do Evangelho. Pela ação dos leigos, iluminada pela doutrina do Magistério da Igreja, poderá o mundo superar a injustiça, a discórdia, o materialismo. Cada leigo há de ser diante do mundo uma testemunha da ressurreição e da vida do Senhor Jesus, e todos juntos renovarão para Cristo a face da terra. O diálogo interno da Igreja será o encontro de todos esses elementos, a soma dos esforços, a superação das divergências e a harmonização das várias funções na união da caridade, para que a Espôsa de Cristo seja realmente "sem ruga e sem mancha", o Templo de Deus se edifique, o Corpo Místico chegue à plenitude de Cristo e o Povo de Deus cresça e caminhe para a Pátria.

O diálogo com os irmãos separados

Dêste segundo diálogo se ocupa o decreto sobre o Ecumenismo que o Concílio solenemente promulgou. Trata-se de um novo estilo de relações que devem orientar a atitude dos católicos para com os cristãos não católicos, a fim de caminharmos para a unidade que Cristo desejou para os seus discípulos: "Que todos sejam um, como tu, Pai, em mim e eu em ti, que eles sejam um em nós" (Jo 17, 21). O movimento ecumênico, despertado entre os cristãos não católicos no fim do século passado, tomou grande incremento neste século, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial. Não se pode desconhecer aí o sentido de uma ação providencial do Espírito Santo no Concílio Vaticano II, uma especial atenção do ecumenismo. A presença de observadores não católicos na aula conciliar e a riqueza de informações que pudemos colher através das intervenções dos Bispos Orientais e dos que vivem em contato com nações de predominância protestante desvendaram-nos vastos horizontes de esperança. É realmente justo considerarmos mais o que nos une do que o que nos separa.

Fruto disso é o atual decreto sobre o Ecumenismo, no qual se expõem os princípios e normas de uma ação ecumênica católica. Não se trata de um perigoso irenismo em que se fazem concessões doutrinárias em troca de uma falsa paz; nem do indiferentismo que afirme que todas as religiões são boas, que todas as confissões cristãs são legítimas. A Igreja tem certeza de estar de posse da verdadeira doutrina de Cristo, não vacila

diante de sua posição e deseja que todos venham integrar-se com Ela na unidade da verdadeira fé. Convida no entanto a uma atitude de compreensão, de diálogo, de caridade, reconhecendo o que há de bom nas comunidades cristãs dissidentes. Vamos caminhar juntos pelo amor e respeito. A lealdade, a firmeza, a humildade no diálogo irão fazendo cair muitas barreiras. E aparecerão facetas novas da verdade a iluminar o caminho da unidade. Os diálogos ecumênicos evidentemente são reservados a pessoas devidamente credenciadas pela cultura e pela aprovação da Igreja; mas os simples fiéis podem também concorrer para facilitar êsse diálogo por meio de uma renovação interior da própria vida cristã, rezando pelos irmãos separados, evitando um eventual clima de acusações e ofensas e colaborando quando fôr possível em obras de assistência social e de promoção humana.

O diálogo com o mundo de hoje

É o grande tema do esquema 13 do Concílio, já largamente debatido nesta terceira sessão, mas que deve ser ainda reformado e apresentado para as votações e aprovação final na próxima sessão. É todo um mundo de problemas que ocupam e preocupam os homens de hoje, e a Igreja não lhes quer ficar alheia. A Encíclica *Pacem in Terris* anunciou o grande diálogo. A primeira Encíclica de Paulo VI, *Ecclesiam Suam*, determinou-lhe ainda melhor os objetivos e apresentou-lhe as normas. Agora a Igreja em Concílio sente todo o peso da expectativa do mundo, ao qual Ela quer responder com o mais sincero de sua solicitude. São os grandes problemas da liberdade, da dignidade humana, da justiça, da cultura, da vida econômica e social, da pobreza e da fome, da família e da educação, da paz e da comunidade das nações. A Igreja não promete uma fórmula misteriosa que possa resolver num momento todos êstes graves problemas. Porém, à luz do Evangelho, que é destinado a todos os homens e a todos os tempos. Ela redobra sua solicitude e encoraja todos os legítimos esforços que levam a encontrar novas soluções. O mundo sabe que Ela está presente, e leva a todos Cristo, que "navega com os navegantes, viaja com os viajantes, cura os enfermos, é o médico das almas e dos corpos", como diz uma formosa oração da liturgia oriental. Essa presença de Cristo a nos guiar em nossos penosos caminhos nos dará a humildade da paciência e o conforto da esperança para continuarmos na procura das soluções mais certas.

Conclusão: o Concílio está dando os seus frutos maravilhosos. A promulgação no ano passado da Constituição sobre a Liturgia e do decreto sobre as Comunicações Sociais e a promulgação neste ano da Constituição de Ecclesia e dos decretos sobre as Igrejas Orientais e sobre o Ecumenismo são grandes metas já alcançadas. Mas não é só o resultado quantitativo que impressiona; aliás, êle poderia para alguns parecer pequeno. É sobretudo o resultado qualitativo: os imensos horizontes que se abriram por êste encontro da Igreja Universal, pela profundidade e riqueza da doutrina apresentada nos debates, e sobretudo pelo espírito novo de

generosa abertura para com todos os anseios da humanidade, suscitando, diríamos, um plebiscito ecumênico de interesse para com o Evangelho como jamais se viu na história. É realmente uma hora de Deus e uma hora de esperança!

Consola-nos verificar como tem sido valiosa a contribuição do Episcopado brasileiro. Os estudos de nossos teólogos e peritos, a presença e colaboração de vários bispos brasileiros nas Comissões do Concílio, nossas intervenções sóbrias, porém cuidadosamente preparadas, permitiram-nos ver incluídas nos textos conciliares várias sugestões por nós apresentadas.

Além disso, é sumamente consolador o empenho com que no Brasil vamos pondo em prática as decisões conciliares, especialmente a começar pela Constituição sobre a Liturgia. Neste caso, como não se trata apenas de modificação de textos ou ritos, mas é toda uma mentalidade, uma vivência que se visa firmar, o Episcopado brasileiro se empenha em dar ao clero e ao laicato os instrumentos para uma séria formação litúrgica. Daí a criação do Instituto Superior de Pastoral Litúrgica que funcionará no Rio de Janeiro. Nossos Seminários se empenham em executar o que está agora preceituado para a formação litúrgica e todo o povo se interessa para os correspondentes cursos de atualização. O uso do vernáculo vem trazendo grande vantagem para a participação nos atos litúrgicos e pouco a pouco serão superadas as dificuldades tão explícitas nesta fase de transformação e nos prepararemos para a plenitude da restauração litúrgica que virá com a publicação dos textos definitivos dentro dos próximos anos. Veremos cada vez mais a missa aparecer aos fiéis como a verdadeira assembléia do Povo de Deus em torno do altar do sacrifício, onde é oferecida a vítima da Nova Aliança, onde é distribuído o alimento da Palavra de Deus — proclamada em face do povo e na sua língua — e o alimento da Comunhão eucarística.

Neste e nos demais setores da renovação da Igreja, vamos viver a grande hora do Concílio. Seus frutos debenderão de todos nós. Pela adesão a suas decisões e sobretudo a seu espírito renovador, vamos ser uma Igreja consciente, responsável, marcada pelo anseio evangelizador e missionário, mas sobretudo vivificada pela mais ardente caridade, a fim de que o mundo veja que somos, realmente, portadores de uma mensagem de salvação, para a qual Cristo nos convocou e nos congregou.

“A Igreja está hoje mais do que nunca viva! Mas, observando bem, parece que tudo está ainda por fazer; o trabalho começa hoje e não acaba nunca. É a lei de nossa peregrinação na Terra e no tempo. É este o *modus* habitual do nosso ministério: tudo o que estimula hoje a renovar-se, a tornar-se vigilante e operoso” (Ecclesiam Suam).

Essas palavras do Santo Padre Paulo VI podem ser um programa e um estímulo. Vamos fazê-las nossas, porquanto elas bem exprimem o dinamismo missionário da Igreja e a Esperança que deve sustentar-nos na luta e renovar a cada minuto novas energias.

Para isso contamos com a bênção de Deus e a proteção da Virgem Senhora Nossa.

Relatório Anual da CRB

(de outubro de 1963 a dezembro de 1964)

PADRE TIAGO G. CLOIN, C.S.S.R.
(Secretário-Geral)

FUNDADA a 11 de fevereiro de 1954, celebrou a nossa Conferência, no ano findo, o seu 10.º aniversário. Desde o início, o primeiro Secretário-Geral, o Revmo. Padre Irineu Leopoldino de Souza, S.D.B., lhe imprimiu o cunho de uma instituição não burocrática e estática, mas operacional e dinâmica. Agora, depois de dez anos, ela já passou o tempo da infância e da adolescência e chegou à idade adulta. Pela confiança e colaboração que as províncias religiosas do Brasil lhe proporcionaram, ela se colocou entre as organizações da Igreja no Brasil que fazem sentir sua influência por este Continente afora, como ainda nos demais continentes.

Apresentando este relatório, salientaremos os mais importantes acontecimentos e atividades de nossa Conferência.

Consolidação do entrosamento com a CNBB

As relações e mútuo entendimento entre a Conferência dos Religiosos e a dos Bispos têm sua data histórica na V Assembléia da CNBB e na VI Assembléia da CRB, ambas celebradas no mês de abril de 1962. Foi nesta ocasião que o Secretário da CNBB, trazendo a mensagem da Conferência dos Bispos, declarou perante os superiores e superiores maiores, reunidos em Assembléia, que as duas Conferências estavam maduras para marcharem juntas. E os fatos posteriores o comprovaram: o diálogo e o entrosamento das atividades.

1. O diálogo

a) Na cúpula

Iniciou-se, então, uma nova fase nas relações entre as duas Conferências, que se manifestou muito simbolicamente na participação da CRB nas reuniões dos secretariados nacionais e dos secretariados regionais da CNBB, que periodicamente se realizam na cidade do Rio de Janeiro. Na última reunião da Comissão Central da CNBB, em junho último, o Secretário-Geral da CRB foi convidado para a sessão em que se tratavam as relações

entre as duas Conferências. Por esta ocasião, o Secretário da CNBB deu, perante os seus colegas no Episcopado, o seguinte depoimento: 1) há, no momento, na cúpula, um perfeito entendimento entre as duas Conferências; 2) não deve mais acontecer, no futuro, como aconteceu no passado com o *Plano de Emergência*, que a CRB e os superiores maiores estejam ausentes ao planejamento dos bispos em matérias que afetam o apostolado dos religiosos; 3) a CNBB solicita da CRB indique para cada um dos secretariados nacionais da CNBB um religioso, como representante oficial, que integre a equipe executiva dos mesmos; 4) para o secretariado nacional, tanto de Pastoral Especial como de Apostolado das Religiosas, indique a CRB o Subsecretário.

Com êstes religiosos dentro dos secretariados nacionais da CNBB fica como que institucionalizado, em plano nacional, o diálogo entre as duas Conferências, e temos a fundada esperança que, brevemente, êste diálogo se estabeleça também em plano regional. Com o intuito de preparar o terreno para isto, a Diretoria da CRB está estudando a possibilidade de adaptar a divisão geográfica de nossa Conferência, que até agora é estadual, à divisão da Conferência dos Bispos, que desde a VI Assembléia, realizada recentemente em Roma, está organizada em 11 secretariados regionais: Norte (com sede em Belém), Nordeste II (Recife), Nordeste III (Salvador), Leste I (Rio de Janeiro), Leste II (Belo Horizonte), Centro-Oeste (Goiânia), Oeste (Cuiabá), Sul I (São Paulo), Sul II (Curitiba) e Sul III (Pôrto Alegre). O Distrito Federal constitui um secretariado à parte. As cidades mencionadas seriam, no futuro, a sede da correspondente seção regional da CRB.

b) Em nível regional

O diálogo em nível regional já está, até certo ponto, iniciado. O Nordeste, desde anos, já está dando o exemplo, organizando anualmente, em janeiro, uma quinzena de planejamento pastoral na qual participam bispos, superiores maiores (todos são convidados: padres, irmãos e madres), especialistas de ambos os cleros, religiosos e leigos. Em maio passado, realizou-se, na sede do secretariado regional do Nordeste, em Natal, uma reunião de tôdas as superiores maiores, em número de 30, sob a presidência do Bispo responsável e com a presença do Secretário-Geral da CRB, para estudar o modo de como entrosar o apostolado das religiosas com a Pastoral nordestina.

O Sul fêz, êste ano, sua primeira experiência em semelhante sentido, quando, a 18 e 19 de agosto, o Episcopado inteiro do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina se reuniu com todos os superiores e superiores maiores da região. O Secretário-Geral da CRB fêz uma introdução ao diálogo falando sôbre: 1) os religiosos e o *Plano de Emergência*; 2) as relações entre bispos e superiores maiores quanto ao apostolado dos religiosos; 3) a renovação do apostolado dos religiosos; 4) a "política" da CRB quanto à fundação de casas religiosas. Em seguida, discutiram-se vários proble-

mas, particularmente delicados, entre os quais a ausência dos religiosos à renovação educacional nos colégios e a atuação da Ação Católica, principalmente da JUC e da JEC, na véspera da Revolução. De parte a parte, falou-se com absoluta franqueza, havendo momentos de calorosos debates, em que não faltavam sérias críticas. Mas havia um ambiente de querer entender-se mutuamente, de querer acertar, um clima de verdadeiro diálogo.

2. Entrosamento de atividades

O diálogo, porém, não pode limitar-se a pensar juntos; tem que traduzir-se em agir juntos, num entrosamento de atividades. Alguns projetos neste sentido já estão em execução ou preparação.

a) Centro de Estatística Religiosa e de Investigações Sociais (CERIS)

O CERIS foi a primeira experiência. Fundado em outubro de 1962 pelas duas Conferências, abrange quatro Departamentos: 1) Estatística Religiosa; 2) Investigação Sócio-Religiosa; 3) Investigação Sócio-Econômica; 4) Formação Social. O setor de Estatística continua confiado ao Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado. O Departamento de Investigação Sócio-Religiosa, que está assessorando a CNBB e seus secretariados regionais no planejamento da Pastoral do Brasil, iniciará, este ano, uma pesquisa sócio-religiosa em 20 dioceses, financiada 50% pelas respectivas dioceses e 50% pela organização ADVENIAT do Episcopado alemão. O Departamento de Investigação Sócio-Econômica foi encarregado de uma pesquisa global do Nordeste pela obra episcopal alemã MISEREOR que a financiará.

A 27 de dezembro, foi solenemente inaugurada a sede própria do CERIS, com a presença do Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro e do Núncio Apostólico, tendo sido empossadas a Assembléia e a Diretoria, cujos membros, autoridades e especialistas (entre sacerdotes de ambos os cleros, religiosas e um número notável de leigos) foram, conforme os estatutos, indicados por mútuo entendimento entre as duas Conferências, (conforme vai noticiado neste mesmo número da Revista, sob a epígrafe *CRB Informa*, à pág. 124).

Não obstante sua recente criação, tem o CERIS já uma grande aceitação no exterior. A OSTRIESTERHILFE, do Padre Werenfried van Straaten, O.Praem., foi a primeira das grandes organizações de ajuda financeira a dar prova de confiança na eficiência de seus trabalhos, dando em 1963 e 1964 valiosa contribuição para a construção da sede. Seguiram-lhe o exemplo a ADVENIAT e MISEREOR, não apenas financiando as investigações, acima mencionadas, mas especialmente através de um auxílio financeiro, verdadeiramente principesco, que o Diretor do CERIS

e o Secretário-Geral da CRB, encarregados pelas duas Conferências, recentemente pleitearam em vários encontros com representantes destas duas organizações, em Lovaina, Aachen, Essen e Roma.

O CERIS que dispõe no momento, além da equipe de 16 irmãs e 4 funcionários leigos para o Departamento de Estatística, de quatro sacerdotes sociólogos, dos quais três religiosos, está agora em condições de completar os quadros de seus demais departamentos e de contratar pessoal especializado para a execução das investigações encomendadas.

b) Secretariado Nacional da CNBB de Apostolado das Religiosas (SENAR)

A Conferência dos Bispos acaba de criar, durante sua VI Assembléia, realizada recentemente em Roma, um Secretariado nacional (ao lado dos 10 já existentes) de Apostolado das Religiosas, cujo Secretário responsável é o Arcebispo-Coadjutor de Belo Horizonte, Dom João Resende Costa, S.D.B. O Secretariado não se ocupará (pelo menos por enquanto) com o apostolado dos institutos masculinos. O motivo parece ser que : 1) as religiosas são muito mais numerosas; 2) têm uma série de atividades apostólicas muito menos definidas e muito mais dispersas; 3) há setores de apostolado descobertos que as religiosas poderiam assumir.

A Conferência dos Religiosos, solicitada pela CNBB a organizar e coordenar os estudos preparatórios à criação deste Secretariado, instituiu uma comissão de 15 religiosas de particular capacidade para estudar a situação real do apostolado das religiosas no Brasil nos quatro setores — educação, enfermagem, assistência social e de apostolados diversos — prestando atenção tanto aos aspectos positivos como negativos. De 30 de julho a 2 de agosto organizamos um curso especial em que participaram, além dos membros desta comissão, mais uma trintena de religiosas, escolhidas a dedo, de várias especializações. Durante este curso estudou-se a oportunidade e viabilidade de tal Secretariado, suas atribuições e organização. O relatório destes estudos, aprovado pela Diretoria da CRB, foi transmitido à Assembléia da CNBB em Roma, que deliberou sobre o assunto e procedeu à criação do Secretariado. Conforme já mencionamos acima, caberá à Conferência dos Religiosos indicar-lhe o Subsecretário que chefie a equipe executiva.

c) Serviço de cooperação apostólica internacional

Já desde anos se faz sentir no Brasil a necessidade de organizar um serviço, de âmbito nacional, para acolher, encaminhar e amparar o pessoal apostólico que vem auxiliar a Igreja em nosso País : clero secular, religiosos e religiosas, e leigos. O problema crucial para este pessoal apostólico é : onde trabalhar e em que setor de apostolado ? As nossas necessidades são tão imensas e o número de pessoal apostólico estrangeiro à disposição relativamente tão escasso, que não podemos permitir-nos o luxo

de dispersar estas forças. Ainda não conseguimos elaborar uma inteligente "política" de como melhor aproveitar êste pessoal. Os fatores que continuam a predominar na aceitação de tarefas apostólicas são a improvisação, o imediatismo e, às vezes, até o puro acaso. É urgente encaminhar sistematicamente êste pessoal para os pontos estratégicos e os setores vitais da Pastoral, onde se joga a sorte da Igreja no Brasil, elaborando uma jerarquia de prioridades de áreas geográficas e de setores apostólicos.

A CRB, já desde alguns anos, criou um serviço, embora em moldes bastante elementares, para os religiosos e religiosas que vêm do exterior, acolhendo-os à sua chegada a nosso País, dando-lhes orientação sobre onde trabalhar e em que setor, assistindo-lhes de vários modos na escolha e preparação da primeira fundação. Não obstante sua insuficiência e precariedade, está êste serviço encontrando uma grande aceitação. O clero secular e os leigos, porém, continuam sem nenhum órgão que os possa acolher, orientar e amparar. E o problema para êles é mais grave, porquanto costumam chegar como pessoas isoladas; os religiosos, pelo contrário, em comunidade.

No mês de agosto último, realizou-se no Rio de Janeiro um encontro de interessados neste assunto, perante o qual se fez, em conjunto, uma reflexão sobre toda esta problemática. Estavam representados, da parte do Brasil, a CNBB, a CRB, o CERIS e o Centro de Formação Intercultural de Petrópolis; da parte dos estrangeiros, para o clero secular, a Obra de Cooperação Sacerdotal Hispano-Americana (OCSHA) de Madri e o Colégio Latino-Americano de Lovaina, e, para os leigos, a PAVLA (Voluntários do Papa) e AID, ambas dos Estados Unidos. Dêste encontro surgiu um projeto de criar um serviço de cooperação apostólica internacional com uma tríplice função: 1) acolher o pessoal apostólico ao chegar ao Brasil; 2) encaminhá-lo para áreas e setores apostólicos prioritários; 3) dar-lhe assistência posterior, quer espiritual, quer apostólica e, se possível, financeira. O serviço abrangerá três setores: o dos religiosos que interessa de modo particular à CRB, o do clero secular, para o qual foi criada uma comissão especial da CNBB, e o dos leigos pelos quais responde o Secretariado Nacional de Pastoral Especial, recentemente criado pela Assembléia dos Bispos em Roma. O serviço funcionará em íntima colaboração com o CERIS, que elaborará a jerarquia de prioridade, e com o Centro de Petrópolis, que se encarregará da formação intercultural dos recém-chegados.

A Diretoria da CRB e a Assembléia da CNBB aprovaram o projeto nas suas linhas-mestras. E como também as organizações estrangeiras, acima mencionadas, manifestaram sua adesão, podemos esperar que, brevemente, pelo entrosamento da atividade das duas Conferências, surgirá êste "serviço de cooperação apostólica internacional", eliminando mais uma grave lacuna na Pastoral de nosso País.

Haverá poucos países no mundo onde o diálogo e o entendimento entre as duas Conferências fizeram tão rápido progresso e onde o entrosa-

mento de atividades levou a iniciativas de tanta envergadura como no Brasil.

Atividades na Conferência

Desde o início de sua fundação, a Conferência se decidiu resolutamente a entrar em dois campos bem diferentes de atividade: atividades de ordem religiosa, através de departamentos, e atividades de ordem temporal, através de serviços. Se acaso inicialmente não houve unanimidade entre os superiores maiores a respeito da conveniência ou oportunidade dos serviços, no momento, todos estarão de acôrdo sôbre duas coisas: primeiro, que a Conferência tem proporcionado através dos serviços apreciáveis benefícios de ordem econômica e financeira às comunidades religiosas e, segundo, que sem os serviços teriam faltado à Conferência os meios financeiros para as atividades de ordem religiosa, que está desenvolvendo no momento. Também fora da Conferência, na Sagrada Congregação dos Religiosos e na Conferência dos Bispos, reina esta mesma convicção.

É a constante preocupação da Diretoria guardar um sadio equilíbrio entre os dois ramos da Conferência. Com efeito, os serviços facilmente se expandirão de forma mais rápida por não precisarem, para seu bom funcionamento, de pessoal religioso, enquanto a expansão das atividades dos departamentos está essencialmente ligada ao problema de pessoal religioso que continua muito escasso.

1. As atividades de ordem religiosa

a) Atuação da Diretoria

A Diretoria da Conferência se ocupou, êste ano, com uma série de problemas, especialmente com alguns relacionados ao apostolado dos religiosos. Já mencionamos os estudos prévios para a criação do Secretariado Nacional da CNBB de Apostolado das Religiosas e a preparação do Serviço de Cooperação Apostólica Internacional. Mais dois outros problemas fundamentais retiveram a atenção da Diretoria: o da relação entre a competência dos superiores maiores e a dos bispos a respeito do apostolado dos religiosos e o da renovação da atividade apostólica dos mesmos.

Foi a intensificada atuação do Episcopado brasileiro que provocou a nossa reflexão sôbre êstes dois problemas. Estimulados pela orientação geral do Concílio Vaticano II, os bispos no Brasil, como aliás em todos os países do mundo, estão assumindo, cada vez mais, o planejamento e organização da Pastoral, inclusive do apostolado dos religiosos — haja vista o Secretariado Nacional de Apostolado das Religiosas — e estão apelando, cada vez mais, para uma corajosa atualização e renovação do nosso apostolado. Desta forma a Diretoria da Conferência ficou confrontada com o duplo problema: qual a competência, de um lado, da CNBB e dos Ordinários do lugar e, de outro, da CRB e dos superiores e superiores maio-

res a respeito do apostolado exercido por religiosos e qual é a orientação que a Diretoria tem a dar aos institutos religiosos quanto à renovação de seu apostolado.

Do resultado destas deliberações da Diretoria todos os religiosos poderão tomar conhecimento através da Revista da Conferência na qual iremos publicar o artigo : “O Apostolado dos Religiosos e a Pastoral da Jerarquia”.

b) Cursos, encontros etc.

Com uma impressionante série de cursos celebrou a Conferência a data de seu 10.º aniversário. Em vez de festejar o acontecimento com uma solene sessão comemorativa, preferiu a Diretoria proporcionar aos religiosos uma ampla oportunidade de aperfeiçoarem sua formação nos vários setores : espiritual, doutrinário, profissional e apostólico. Eis o elenco dos cursos patrocinados pela CRB-Nacional e organizados pelos respectivos departamentos em entrosamento com a Comissão Executiva da CRB : 1) I Curso de Pastoral — na base da Constituição conciliar sôbre a sagrada Liturgia — para professôres de seminário maior ; 2) Curso de Psicopedagogia (terceiro de uma série de cinco) para professôres em seminário menor ; 3) Curso de Psicopedagogia para religiosas (primeiro de uma série) ; 4) Curso de Iniciação ao Trabalho Social para religiosos de formação primária ; 5) Curso de Iniciação ao Trabalho Social (uma tarde por semana durante o ano todo) para religiosas de formação média e superior ; 6) Curso de Rádio e Televisão para religiosas, formando equipes para atuarem em programas de rádio e TV ; 7) Curso de Raios X para religiosas enfermeiras ; 8) Encontro Nacional de Dirigentes de Apostolado Vocacional (oficializado pela CNBB) ; 9) Encontro de Religiosas qualificadas, preparando subsídios para a criação do Secretariado Nacional da CNBB de Apostolado das Religiosas ; 10) Curso por correspondência para secretárias provinciais ; 11) Curso para Ecônomas Provinciais ; 12) Curso para Ecônomos Provinciais ; 13) Curso anual de Mestras de Noviças ; 14) Curso bienal de Mestres de Noviços ; 15) Retiro para superiores locais ; 16) vários cursos para superiores locais.

c) Três departamentos merecem neste relatório particular menção

1) O *Departamento Jurídico-Canônico* é, entre os demais departamentos, o mais procurado. Responde por êle o Revmo. Padre Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M., da província franciscana de Recife, cuja competência em Direito, particularmente em Direito dos Religiosos, é no Brasil universalmente reconhecido, sobretudo através de suas contribuições para a nossa Revista. A assistência que êste Departamento dá aos religiosos se refere à orientação em matéria de Direito Canônico e em vários setores do Direito Civil, à revisão de Regras e Constituições de institutos religiosos, à solução de casos de todo gênero, à elaboração de estatutos civis de província, casa e obra de religiosos, à redação de contratos

a respeito de paróquia, hospital etc. Pela natureza da matéria, muitas consultas, quer orais quer por correspondência, são confidenciais e de particular delicadeza. Desde o início da Conferência, o Revmo. Frei Xavier desempenha o cargo de conselheiro canônico da CRB, oficializado pela Assembléia dos Superiores Maiores de 1956, até que, em fins de 1962, veio para o Rio de Janeiro a fim de integrar a Comissão Executiva da Conferência.

2) O *Departamento de Vocações*, desde o início deste ano, sob a dinâmica direção do Revmo. Padre Odílio Onofre, C.S.S.R., da província redentorista de São Paulo, organizou de 18 a 27 de julho, em Morungaba, São Paulo, o primeiro encontro nacional de dirigentes do apostolado vocacional, com uns 70 participantes, provenientes de quase todos os Estados da Nação. Oficializado pelo Secretariado Nacional de Vocações Sacerdotais da CNBB, cujo Secretário responsável, Dom Orlando Chaves, S.D.B., Arcebispo de Cuiabá, estava pessoalmente presente, foi o encontro mais um exemplo do entrosamento de atividades de ambas as Conferências. Também representantes do Clube Serra do Brasil, movimento vocacional leigo, participaram na reunião e confessaram que, do íntimo contato com o espírito que animava o encontro, resultara para eles como que uma segunda descoberta da razão de ser e vocação do próprio Club Serra. A reunião não se perdeu em generalidades mas elaborou um plano de ação bem concreto, a ser executado dentro de três anos: 1964, ano da informação; 1965, ano da formação; 1966, ano da vocação. Organizaram-se equipes regionais que coordenassem, no "espírito de Morungaba" o apostolado vocacional nas suas respectivas Regiões. (Cf. *Revista da CRB*, n.º 112, pp. 585-606).

3) O *Departamento de Assistência à Saúde* intensificou, desde o início do ano, suas atividades sob a responsabilidade do novo Diretor, o Revmo. Padre Lídio Milani, cedido pela província camiliana de São Paulo, com diploma de alto padrão de enfermagem e curso de serviço social. Colaboram com ele no Departamento, para a parte técnica, a Revma. Coláboram com ele no Departamento, para a parte técnica, a Revma. Irmã Teresa e, para a parte burocrática, a Revma. Irmã Celeste, ambas das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. O Diretor representou a CRB no Congresso Nacional de Enfermagem em Salvador, apresentando uma tese sobre os auxiliares de enfermagem. Teve uma atuação decisiva no Congresso Internacional do Comitê Internacional Católico de Enfermeiras e Assistentes Médico-Sociais (CICIAMS) em Lisboa, onde, representando a CRB e a Associação Brasileira de Enfermagem, pleiteou com grande êxito a causa da ABEn como único membro do (CICIAMS) que congrega enfermeiras católicas e não-católicas. O Departamento teve parte ativa na reestruturação jurídica da União Nacional de Auxiliares de Enfermagem (UNAE), em nível nacional e estadual, e está se empenhando na revalidação do diploma de enfermagem das religiosas estrangeiras, como ainda na consecução do certificado de prática de enfermagem para as religiosas que já trabalharam durante 20 anos neste setor.

d) Institutos superiores da CRB

Vencendo tôda a espécie de dificuldades e obstáculos iniciais, nossos institutos superiores, estão consolidando suas atividades. O Instituto de Pastoral em São Paulo, que completou seu primeiro lustro, funcionou com o curso ordinário reorganizado para religiosos que terminaram seus estudos teológicos, em que os estágios ocupam um lugar de destaque. A aceitação foi tal que, terminada a época das aulas, os alunos espontâneamente pediram que os estágios continuassem. No Instituto "Mater Cristi" de São Paulo, Instituto Superior de Ciências Religiosas, as primeiras alunas concluíram sua formação de três anos. As religiosas, em geral contentísimas pela formação no espírito do Concílio Vaticano que estão recebendo, se queixam apeças que as superiores não lhes dêem suficiente tempo para estudarem em casa. Os dois Institutos (de Pastoral e de Ciências Religiosas) estão organizando, em colaboração, um curso intensivo de atualização pastoral para o clero secular e religioso, uma vez por semana, durante quatro meses, e um curso intensivo, uma vez por semana, durante o ano todo, para mestras de noviças, professôras de juniorato e superiores locais.

O Instituto "Deus Sapientia" de Pôrto Alegre, semelhante ao "Mater Christi" de São Paulo e fundado no mesmo ano, viu suas primeiras alunas diplomadas com autorização dada pela Comissão Central da CNBB para lecionarem Religião em estabelecimentos de ensino médio em todo o território nacional. A Diretoria e o corpo docente estão revisando o programa do curso, adaptando-o à doutrina e espírito do Concílio.

2. As atividades de ordem temporal

O volume de movimento comercial e financeiro da Conferência cresceu nos últimos anos de tal forma que se tornou necessário tomar providências particulares. O Conselho Administrativo, instituído pela Assembléia de 1959 e composto por 5 superiores maiores, não chegou a funcionar satisfatoriamente. E não é de estranhar. Provinciais não dispõem de suficiente tempo para poderem acompanhar de perto um movimento destas dimensões e, via de regra, nem bastanta capacidade técnica têm para a fiscalização de uma organização comercial e financeira, qual seja atualmente a nossa Conferência.

A Diretoria da CRB, porém, não se conformou com esta situação. Não sendo possível continuar, sem assessôres técnicos de alto gabarito, com a tremenda responsabilidade, decidiu resolver a questão por outro caminho. A província franciscana de São Paulo nos cedeu, para assumir o cargo de Ecônomo da Conferência, o Revmo. Padre Frei Matias Heidemann, O.F.M., Contador profissional e, de 1957 a 1960, membro do Conselho Federal de Contabilidade. Frei Matias começou seus trabalhos na Conferência reorganizando o sistema de Contabilidade da CRB-Nacional e visitando várias vezes as filiais de serviços das seções estaduais, cuja Con-

tabilidade êle logrou entrosar com a da sede nacional da CRB. A Diretoria da Conferência, em cujas reuniões o Fréi Matias participa, está agora em condições de acompanhar, passo a passo, através de uma pessoa “nossa”, o andamento dos assuntos temporais da CRB.

Com a aprovação da Sagrada Congregação dos Religiosos reorganizamos o Conselho Administrativo que está atualmente composto de cinco membros (e igual número de suplentes), dos quais três leigos, dirigentes de instituições bancárias ou de emprêsas industriais, e dois religiosos, entre os quais o Ecônomo da Conferência. Duas vêzes ao ano, o Conselho Administrativo elabora, depois de ter examinado o balanço semestral e a situação geral econômica e financeira da CRB, um relatório a ser enviado à Nunciatura Apostólica e à Sagrada Congregação dos Religiosos. Foi para a Diretoria da Conferência uma imensa satisfação tomar conhecimento do resultado da primeira reunião do Conselho. Os três membros leigos testemunharam unânimemente: “A Conferência está de parabéns, primeiro, por ter um Contador de primeira capacidade e uma Contabilidade atualizada, à altura do movimento comercial da CRB e, segundo, — referindo-se ao delicado serviço de depósitos — porque ela trabalha com maior prudência, segurança e garantia do que os nossos Bancos”.

3. *A sede nacional*

a) *Movimento diário*

A sede da Conferência se tornou um verdadeiro formigueiro. É um contínuo vaivém de bispos, provinciais, religiosos e religiosas, sacerdotes seculares e leigos de tôdas as categorias, com centenas de visitas por dia. A mesa telefônica com 5 troncos e 20 ramais não dá mais conta do expediente. No setor dos serviços, pelos quais respondem os funcionários leigos, os de Procuradoria, Fornecimentos e Depósitos são os mais procurados. A Comissão Executiva responde pelos assuntos de ordem religiosa e apostólica. Os casos mais diversos se apresentam aqui: casos importantes e fúteis, casos dramáticos e ridículos, casos complicados e que prôpriamente não são “casos”, casos individuais, de comunidade ou de província, casos com repercussão local, nacional ou até internacional. Ao entrar às 8 horas no escritório, ninguém pode adivinhar com que tipo de pessoa ou caso êle vai se deparar, antes, de sair, às 18 horas. Para humanizar um pouco o trabalho dos funcionários leigos e dos sacerdotes, fomos obrigados a fechar o escritório das 11 h e 30 m às 13 horas.

b) *Pessoal*

Quando em novembro de 1957 passamos da sede provisória, à Rua Farani, 75, em Botafogo, para a sede própria, à Avenida Rio Branco, 131, 9.º andar, no centro da cidade, éramos ao todo 17 funcionários: 3 sacer-

dots e 14 leigos. Agora somos — só na sede central — 73 : 6 padres, 1 irmão, 3 irmãs e 63 leigos. Além disto, trabalham no Rio de Janeiro, fora da sede : no Depósito, 17 leigos; no Departamento de Estatística (CERIS), 23 religiosas e 5 leigos; no Departamento de Assistência à Saúde, 1 padre e 2 religiosas; no Departamento de Assistência e Serviço Social, 2 religiosas com meio expediente. Ao todo, 7 padres, 4 irmãos, 30 irmãs e 85 leigos, somando 123 pessoas.

c) Nova sede

Em 1957 pensávamos que a sede própria, com seus 420 metros quadrados de área útil, pudesse abrigar a Conferência para um tempo indefinido. Estávamos tremendamente enganados. Em 1960 fomos obrigados a transferir o Depósito para o bairro de Laranjeiras e, em fins de 1962, a alugar mais três salas, no 20.º andar do edifício da sede, para onde transferimos o serviço de Procuradoria. O alívio, porém, era de pouca duração. Embora estejamos explorando ao extremo o espaço disponível — a maior das saletas de que os padres dispõem não tem nem 12 metros quadrados — a situação não é mais sustentável. A falta de espaço está prejudicando seriamente a eficiência do trabalho e o atendimento aos religiosos. É inadiável providenciar uma nova sede. Recentemente, apresentou-se uma oportunidade excepcional. O Banco de Comércio e Indústria de Minas Gerais está construindo à Av. Rio Branco, 123, um prédio de 22 andares, dos quais reservará 8 para si próprio e está selecionando compradores para os demais andares. Fêz à Conferência uma proposta tão vantajosa que o Conselho Administrativo da CRB, convocado em reunião extraordinária, examinada tôda a documentação, deu à Diretoria da Conferência unânimemente o seguinte parecer : “Considerando o assunto apenas sob o ponto de vista de negócio (fazendo abstração de tôdas as demais vantagens) não pode deixar de recomendá-lo, tendo em vista o preço e as condições de pagamento, extremamente favoráveis”. Trata-se do 10.º andar, com uma área útil de uns 700 metros quadrados. A 2 de setembro último, assinamos a escritura de promessa de cessão de direitos aquisitivos imobiliários. A entrega do andar está prevista para o início de 1966.

Não era, porém, viável esperar até lá. Urgia forçar uma solução de emergência. Acabamos de comprar o 15.º andar do prédio à Rua Almirante Barroso, 2 (Largo da Carioca), para onde, nestes dias, transferiremos o Serviço de Procuradoria, o Departamento de Vocações e o de Assistência à Saúde.

4. Planos para o futuro próximo

a) A VII Assembléia

Os superiores maiores, que costumavam reunir-se anualmente em assembléia decidiram em 1962 transformar a Assembléia de anual em trienal.

É de se prever que a próxima Assembléia, a ser celebrada em julho próximo, será por vários motivos a mais importante talvez de toda a história da CRB. A Conferência cresceu, de 1962 para cá, enormemente. Os assuntos a serem tratados se acumularam no decurso de três anos, as relações atuais com a CNBB exigem uma reflexão sobre a organização e atividades da Conferência, e finalmente haverá eleição de uma nova Diretoria. A atual Diretoria, assessorada pela Comissão Executiva, já iniciou os trabalhos de planejamento e programação da Assembléia de julho.

b) Departamento de Formação

A formação dos religiosos foi desde o início um dos principais objetivos da CRB, e todos quantos acompanharam as atividades de nossa Conferência, durante seus 10 anos de existência, hão de concordar que muitas iniciativas se têm tomado neste sentido. Haja vista a fundação dos três institutos superiores, acima mencionados, e os inúmeros cursos de formação, sobre os mais variados assuntos, organizados quer pela CRB-Nacional, quer também pelas seções estaduais. Apenas as pessoas que estão bem dentro da Conferência podem avaliar o esforço que isto representa, especialmente para a Comissão Executiva, que, já sobrecarregada pelos trabalhos ordinários, se desdobrou, em colaboração e entrosamento com os departamentos, para programar, organizar e supervisionar estes cursos de formação.

Chegou, porém, a hora de organizarmos um departamento que se dedique exclusivamente à formação dos religiosos. Seu campo de atividades será imenso: formação espiritual (abrangendo também a litúrgica), doutrinária, profissional e apostólica. Entrosar-se-á para a formação profissional com os departamentos específicos, já existentes, e para a formação apostólica das religiosas com o Secretariado Nacional de Apostolado das Religiosas da CNBB. A província carmelitana de São Paulo acaba de nos ceder, para dirigir este departamento, o Revmo. Frei Maurício Bruni, O.C., doutorado em Teologia, com especialização em Teologia espiritual, que, depois de ter participado no Capítulo Geral da Ordem, de junho, em Roma, virá integrar a Comissão Executiva da CRB no Rio.

c) A Revista da CRB

Celebramos o 10.º aniversário de nossa Revista, fundada em 1955, com uma profunda reorganização da mesma. Durante muitos anos, até o início de 1964, o Revmo. Padre Frei Jamaría de Sortino, O.F.M.Cap., da província capuchinha do Rio de Janeiro, a ela dedicou o melhor de sua energia, devendo, porém, pelas circunstâncias, limitar-se à parte administrativa e burocrática. Foi a Comissão Executiva, no seu conjunto, que tomou conta da parte mais formal, de seu conteúdo. É nossa convicção de que a Revista da CRB, não obstante seu progressivo aprimoramento, ainda não conseguiu até agora realizar adequadamente sua vocação junto

aos religiosos do Brasil, principalmente por falta de um Redator-Chefe que, com tempo integral, possa dedicar-se a ela. Assessorado pela Comissão Executiva, sua tarefa seria assumir o planejamento da Revista, programando-lhe a linha geral e o conteúdo de cada fascículo, organizando aos poucos um conselho de redatores e angariando escritores para determinados assuntos. O Revmo. Padre Leão Douven, C.S.S.R., que os leitores de nossa Revista já conhecem pelos seus artigos sobre Pastoral paroquial, cedido pela província redentorista do Rio de Janeiro, assumirá brevemente o cargo de Redator-Chefe.



Faz três anos que a Conferência celebrou sua última Assembléia. Na época em que vivemos, três anos é muita coisa. Com efeito, as conseqüências da acelerada transformação da sociedade brasileira não pararam diante da porta dos institutos religiosos nem diante da porta da Conferência. A vida política, econômico-social e ideológica do País está em efervescência, com as inevitáveis repercussões, porém nem tôdas negativas, sobre a vida cristã em geral, sobre a vida religiosa das ordens e congregações, sobre a Pastoral da Jerarquia e o apostolado dos religiosos. Convém acrescentar que também o Concílio Ecumênico está contribuindo para mudança de atitudes e mentalidade.

Durante êste triênio foi a Diretoria que, sem contato imediato com os superiores e superiores maiores — verdadeiros responsáveis pela Conferência —, arcou com tôda a responsabilidade de dirigir os destinos da CRB. O pêso que isto representa para os membros que a compõem pode ser avaliado apenas por aquêles que durante êstes três anos dela fizeram parte. E se na próxima Assembléia os superiores maiores decidirem continuar com o sistema de se reunir apenas trienalmente, certamente não terão o apoio do voto dos atuais membros da Diretoria.



... Se a Igreja intervém nos problemas relativos ao matrimônio, à família, à educação, à vida civil, à ordem internacional, não é para lesar ou interferir nos interesses alheios mas para guiar os homens que são seus a fim de que êstes "caminhem pelos bens temporais não perdendo os eternos"... não deprime os valores humanos, mas alarga-os, enriquece-os, vivifica-os no plano sobrenatural, porque a Igreja sabe que, no mais profundo do ser humano, sob o incessante influxo da graça divina, há uma exigência iniludível, de valores eternos.

NOVAS FUNDAÇÕES

1. Araruama, RJ — CASA DE CARIDADE, com prédio e terreno próprio, em pleno centro urbano. Hospital assistencial misto, para atendimento a indigentes, com serviço de maternidade e de pronto-socorro, dispendo ainda de clínica infantil, cirurgia geral, ambulatório e consultório. Procura-se congregação que possa dispor de algumas religiosas em favor de obra tão meritória. Boas condições de contrato.

Dirigir-se ao Provedor da Casa de Caridade de Araruama, Estado do Rio.

2. Muriaé, MG — CASA DA MENINA, atualmente a cargo da Associação das Damas de Caridade, quer fazer doação do prédio e do terreno a uma congregação que possa aceitar a obra. Conta, de momento, uns 30 meninos dos 6 aos 13 anos. Garante a manutenção das Irmãs. Assistência espiritual é também facilitada com a presença dos padres missionários do Sagrado Coração.

A Associação se dispõe a aceitar o contrato através da CRB.

3. Pancas, ES — Próxima à matriz paroquial está uma CHÁCARA, propriedade da Igreja, que, com licença do Sr. Arcebispo, poderá ser doada a uma congregação. A chácara tem 3 500 metros quadrados, muitas fruteiras, uma casa velha, "mas que ainda poderia servir para morar, até elas (religiosas) construírem outra conforme as próprias necessidades e as suas indicações, com os auxílios que arrecadariam no meio dos fiéis".

Algumas atividades que as irmãs poderiam exercer nesta cidade: jardim de infância, pensionato, aulas de costura, lecionar no ginásio local ou outras atividades que, estando no ambiente, achariam bem iniciar. Finalidade precípua seria influenciar a vida espiritual da paróquia.

Quem puder, queira comunicar-se com o Vigário de Pancas, Padre Brás Marino. Ele muito agradece.

Encontro de Viamão

julho de 1964

N. da R. — É um relatório a nós enviado pela CLAR (Confederação Latino-Americana dos Religiosos), no qual vem exposta a síntese dos estudos realizados nessa Reunião: I — Base teológica da Pastoral; II — Seminários; III — Pastoral de conjunto; IV — Leigos. Não obstante sua extensão, publicamo-lo na íntegra, convencidos de prestarmos um serviço a todos quantos se interessam pela Pastoral latino-americana. O encontro de Viamão, no qual participaram uns 70 especialistas de todos os países, de nosso Continente, é o primeiro d'este gênero, realizado na América Latina.

NO Seminário de Viamão, a 30 quilômetros de Pôrto Alegre, reuniram-se, no mês de julho último, três grupos de especialistas em Teologia Pastoral, em Seminários e em Pastoral Popular. O encontro foi custeado pela organização ADVENIAT. Formavam a maioria representantes do clero diocesano; havia um bom número de religiosos claretianos, dominicanos, eudistas, franciscanos, jesuítas etc. Foram convidados alguns peritos europeus.

Tratava-se de estudar os fundamentos teológicos para uma Pastoral na América Latina. Uma vez porém lançados os fundamentos, visava-se a Pastoral, fruto da reflexão teológica sobre nossa realidade.

Ao vermos o acervo de trabalhos dos nossos sacerdotes que lecionam Teologia em seminários maiores ou universidades, com 10 a 12 aulas semanais, com tarefas administrativas, cuidados espirituais de alunos e seminaristas e bairros pobres a atender, compreendemos que pouco tempo lhes sobre para a reflexão teológica e que possam correr o perigo de se repetirem, cada ano, nas suas aulas, com muito pouco proveito para os alunos, já que não têm oportunidade de fazer nem investigações nem aplicações à nossa realidade sociológica.

O encontro de Viamão é esperançoso. Um grupo de teólogos, de diretores de seminários e de pastores de almas não hesitaram em dedicar 20 dias ao estudo e reflexão. Deitam-se as bases para verdadeiras faculdades de teologia na América Latina, estudiosas e investigadoras, e que apliquem à nossa realidade os dados e progressos de sua ciência.

I — BASE TEOLÓGICA DA PASTORAL

Devido à extensão do tema do encontro, foi decidido, na primeira sessão, tomar como objeto de nossas discussões os problemas de pertinência da Igreja, a fim de obter logo aplicações práticas para a América Latina, considerando-lhe a própria realidade.

Plano de trabalho

1. O Monsenhor Colombo nos expôs a doutrina da pertinência da Igreja segundo o esquema "De Ecclesia" do atual Concílio.

2. Em seguida, o Padre Comblin tratou sobre a doutrina do magistério eclesiástico.

3. Depois, o Padre Danielou analisou o sentido teológico do adágio "Extra Ecclesiam nulla salus", tema aprofundado posteriormente pelos trabalhos dos Padres Bernardino Leers e Ponce de León. O primeiro versou sobre a doutrina de K. Rahner e de sua interpretação da Encíclica *Mystici Corporis*. O segundo aprofundou o conceito de Fé sobrenatural nos Padres Lombardi e Y. Congar.

4. Depois de tirar algumas conclusões teológicas a respeito, Frei Romeu Dale focalizou o catolicismo latino-americano sob o ponto de vista do culto, da fé e da moral cristã. A última sessão ocupou-se de uma focalização teológica da realidade latino-americana sob o ponto de vista elaborado nas anteriores.

Conclusões

1. Sob o aspecto doutrinário percebe-se, nas primeiras redações do esquema "De Ecclesia" do atual Concílio, certa ampliação do conceito de membro da Igreja, expressado na Encíclica *Mystici Corporis*.

Agora se concebe melhor uma pertinência à Igreja segundo diversos graus: por isso preferiu-se não usar o termo "membro" que parece ser demasiado estreito para permitir grau de pertinência ao corpo de Cristo.

2. Ao perguntar-nos quais eram as condições que alguém deveria possuir para ser salvo por Cristo e sua Igreja, pusemo-nos o problema dos pagãos, crianças e ateus que morrem sem ter conhecido ou repellido o objeto da nossa fé. Pois, se esses se salvaram, teriam que pertencer de certa maneira à Igreja. Preferiu-se buscar uma solução na linha de Congar e Danielou, isto é, aqueles que não tinham uma fé explícita na Igreja

de Cristo, poderiam tê-la implicitamente, conquanto deixassem orientar sua vida pelo bem moral; ao fazê-lo, estariam reconhecendo um princípio moral fora deles; portanto, eles não se constituíam a si próprios norma de seus atos — fonte do verdadeiro ateísmo e atitude culpável — senão aceitariam uma norma extrínseca que é Deus.

3. Dessas conclusões surgiu uma última pergunta. Se muitos se salvam sem a fé explícita na Igreja visível, que sentido tem então o pertencer conscientemente a ela?

Essa pergunta foi ilustrada com vários casos concretos. A resposta foi dupla: uma especulativa e outra prática.

Na resposta teológica acentuam-se os aspectos seguintes:

- a) A Igreja e Cristo são inseparáveis.
 - b) *Todos* estão ordenados a Cristo, pois *tudo* está ordenado a Ele.
 - c) Cristo veio à terra para Se nos revelar, para nos salvar, como também para que pela fé optássemos por Ele. Assim, Ele nos exige uma tomada de posição a seu respeito — diferente da religião natural — sob a influência da graça e na Igreja.
 - d) Por essa opção, estão todos ordenados à Igreja visível, a seus sacramentos. Se não o fazem conscientemente, é por defeito. Se a recusam, recusam a Cristo, não optando por Ele. A Igreja é o paraíso, o povo de Deus; não só caminho. Para expor essa verdade ao mundo, vimos que é melhor partir de Deus no conjunto da história da Salvação. Ver Cristo dentro dela, do mesmo modo que a Igreja.
4. Como conclusão, vimos a aplicação pastoral destes princípios para a América Latina.

- a) Primeiramente, a atitude do cristão perante os não-batizados ou batizados que vivem fora, longe da Igreja.

Negativamente, vimos que a Igreja se lhes afigura mais como uma instituição poderosa, onde predomina além disso o elemento feminino. Por isso, precisar-se-ia, por parte da estrutura, uma mudança de aparência externa e torná-la mais solidária com os homens, instituições e problemas da América Latina.

Descendo mais à mensagem *positiva* que devemos transmitir, três aspectos não de ser acentuados fundamentalmente:

- 1.º — mostrar que o cristianismo é um ideal ou tem uma doutrina da transformação social;
- 2.º — dar um testemunho de vida, tanto do clérigo como do leigo no lugar onde está, porém ainda mais, uma abertura aos problemas humanos do outro, à vida diária daqueles aos quais damos êsse testemunho;
- 3.º — por último, acentuar o aspecto comunitário do testemunho e da formação do apóstolo.

- b) Em segundo lugar, a atitude da Igreja diante dos cristãos praticantes. Aqui serão acentuados os seguintes pontos :
- 1.º — acentuar a catequese de adultos e dos homens sem excluir as mulheres e crianças;
 - 2.º — dar menos importância ao institucional e mais ao contato pessoal do sacerdote com o leigo;
 - 3.º — dar uma perspectiva teológica à piedade mariana existente e cultivá-la no ambiente da família cristã, valor que, devido a um exagero anterior, a nossa Pastoral atual tende a minimizar.

II — SEMINÁRIOS

Curso de Filosofia

1. A Filosofia e a Teologia devem se manter como duas disciplinas perfeitamente independentes, pois cada uma tem seu valor e métodos próprios.

É para evitar que a Teologia se converta numa metafísica da religião e que os argumentos de autoridade invadam o terreno filosófico.

2. Durante os anos de Filosofia é desejável conjugar as exigências acadêmicas com a formação religiosa.

3. Parece mais didático apresentar a Filosofia de acôrdo com um método histórico genético, tal como o propõe, por exemplo, M. Garcia Moreno, em suas *Lições Preliminares de Filosofia*.

4. Pôsto que os estudantes de Filosofia já costumam exercer algum apostolado, sobretudo catequético, convém dar logo, no início, um curso de iniciação catequética.

5. Conviria também que tivessem um curso de Introdução à Liturgia, não só por motivos de apostolado mas também para a formação pessoal dos próprios seminaristas. Pelo mesmo motivo, seria bom acrescentar uma síntese bíblica do mistério da Salvação e uma introdução à espiritualidade.

Curso de Teologia

1. A docência de cada tratado teológico deve tender a integrar, numa síntese orgânica, as contribuições da Sagrada Escritura, Santos Padres, especulação teológica, Moral e Pastoral, à luz dos ensinamentos do Magistério Eclesiástico. Apesar da abundância da matéria, a Moral e a Escritura poderão ter seus respectivos cursos, com o cuidado, no que diz respeito à Moral, de sublinhar tanto as raízes dogmáticas do comportamento cristão como as conseqüências pastorais.

2. Em especial, convém não separar adequadamente os aspectos dogmático, moral, litúrgico e pastoral dos sacramentos que, para felicitá-lo, deveriam ser tratados dentro de uma Teologia Geral do Sinal.

3. Já que a Teologia recente, junto com o aspecto jurídico e apolo-gético da Eclesiologia, destaca o aspecto sacramental da Igreja, conviria dividir êsse tratado em duas seções : a primeira, dentro da Teologia Funda-mental; e a segunda, em conexão com a Cristologia.

4. Dado que os seminaristas têm, em geral, vocação de pastor e não de investigador, convém eliminar do curso teológico discussões de interêsse puramente especulativo, porém não sacrificar em momento algum uma sólida e profunda síntese que se torna cada vez mais necessária, conforme o mundo se vai transformando e novos problemas vão se apresentando aos pastôres.

5. No momento atual faz-se necessária uma teologia dos valôres ter-restres frente aos quais o homem moderno se tornou mais sensível : tempo, trabalho, paz, descanso, dinheiro, sexo etc.

6. Um sério domínio da língua latina oferece entre outras vantagens a de permitir um contato direto com fontes importantes. Ao invés, o uso do latim nas aulas oferece notáveis desvantagens pedagógicas : diminui a facilidade de expressão do professor e de assimilação do aluno e, além disso, impõe ao seminarista uma linguagem e esquema mental que não o ajuda-rão no dia de amanhã para um diálogo com o homem moderno.

7. Infelizmente, a maioria dos seminaristas tira muito pouco fruto do estudo do Grego Bíblico e do Hebraico; por isso, ser-lhes-ia mais útil um estudo da mentalidade dêsses povos e do espírito de sua língua.

O Grego Bíblico e o Hebraico devem se conservar como cursos opta-tivos, já que muitas vocações universitárias se manifestam durante os anos do seminário maior, e as exigências crescentes da Pastoral moderna pe-dem a multiplicação de especialistas com graus universitários. É muito re-comendável aproveitar os métodos pedagógicos modernos (método de Pat-terns, os usados em laboratórios de línguas etc.), cujos êxitos são mani-festos.

8. Qualquer que fôsse a síntese utilizada no ensino da Teologia, con-virá fazer uma introdução ao mistério de Cristo, desde o princípio do curso filosófico, mostrando a relação de todos os estudos posteriores com essa iniciação básica. Ademais, no começo de cada um dos tratados de Teologia, deve ser dada uma sólida introdução escriturística e patrística.

Normas pedagógicas

1. A fim de fomentar a atividade dos alunos (leituras, reflexão pes-soal etc.), as aulas não devem ser tôdas do tipo de lição magistral, mas deve haver círculos de estudo, mesas-redondas, debates etc., eliminando-se assim o perigo de passividade e memorização.

2. No empenho de formar o sentido comunitário e eclesial dos semi-naristas, indispensáveis para um futuro membro do *presbyterium* diocesa-no e colaborador numa pastoral de conjunto, deve-se favorecer a formação de equipes de trabalho, de revisão de vida etc.

3. É também para desejar que seja fomentado, por todos os meios oportunos, o uso progressivo da liberdade e responsabilidade que tanto pode contribuir para a formação do caráter do seminarista.

Coordenação entre os seminários da América Latina

1. Considerando a necessidade de uma visão comum sôbre a realidade de nossos seminários latino-americanos e a necessidade de unirmos nossos esforços para orientar, da melhor maneira possível, a formação sacerdotal, de acôrdo com as disposições e diretrizes que emanarão do Concílio Vaticano II, bem como da nossa própria situação;

2. sabendo ainda que êste encontro pretende impulsionar a investigação dos fundamentos em que se baseia a ação da Igreja em nosso meio concreto;

3. tendo em conta, por outro lado, que a orientação deve começar pelo clero e, por conseguinte, nos seminários;

4. finalmente, aproveitando a oportunidade da presença, neste encontro teológico, de numerosos sacerdotes dedicados à formação eclesiástica nos seminários, apresentamos a seguinte proposição a modo de sugestão :

— que sejam constituídas pequenas equipes de estudo e coordenação de seminários na América Latina para cada um dos aspectos básicos da formação. Exemplos :

- a) equipe de reitores para o conjunto da formação;
- b) equipe de diretores espirituais;
- c) equipe de diretores de estudos;
- d) equipe de diretores de disciplina ou formação humana, etc.

NOTA : a forma de constituição, contato e atuação destas equipes deverá ser estudada posteriormente. Poderiam ser promovidas pelo OSLAM (Organização Sacerdotal Latino-Americana) ou pelo CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano).

Seminários menores

1. Numa das reuniões foi discutido o problema dos seminários menores. Em alguns lugares o seminário menor tradicional dá, com efeito, bons resultados; em outros, porém, os fracassos ocasionaram uma reflexão profunda sôbre suas idéias diretrizes e seus métodos. Eis aqui algumas das novas orientações :

- a) Onde as circunstâncias não impõem o sistema de *internato* (por exemplo, em dioceses rurais), a oportunidade dêste sistema nos seminários menores está em discussão. Os pais de família têm a graça de estado para educar os filhos. Ao invés de substituí-los nessa função, os sacerdotes do seminário deveriam ensinar-lhes os princípios cristãos para levar a cabo essa missão em forma adequada.

- b) No caso de o seminário se transformar num externato, é preciso assegurar ao aluno um sólido *apoio familiar*, para a sua educação cristã. Para lograr êsse fim, existe a tendência de selecionar as famílias em função de sua qualidade cristã. Em Santiago do Chile exige-se que a família seja não somente cristã, mas também *apostólica*. Exige-se de modo especial que o pai tenha um compromisso na vida da Igreja (por exemplo, no MFC, AC, sindicatos etc.).
- c) Num contexto de promoção do laicato existe a tendência de tirar dos sacerdotes as funções que apóstolos leigos podem desempenhar com igual e maior competência: ensino de matérias profanas, vigilância etc. É evidente que, nesse caso, é exigido do leigo não somente capacidade de professor mas sobretudo de educador, ao se tratar da formação de futuros líderes cristãos. Essa solução tem ainda a vantagem de o sacerdote se apresentar totalmente de acôrdo com sua vocação na Igreja.
- d) Se Deus chama ao sacerdócio em qualquer idade e, às vêzes, muito cedo, contudo, numerosos são os jovens que se fazem ilusões nesse caso. Existe a tendência em alguns lugares de transformar o seminário menor em escola de *líderes cristãos*. Nessa nova forma de seminário é dada ao jovem uma espiritualidade baseada na sua condição de batizado e confirmado. Ao sair do colégio-seminário, escolherá entre o apostolado leigo e o sacerdotal. Será êle preparado de todos os modos para tomar responsabilidades no povo de Deus e, se chega a optar pelo apostolado leigo, fa-lo-á sem os complexos que, às vêzes, aparecem naqueles que saem do seminário tradicional, onde a espiritualidade se focaliza num contexto exclusivamente sacerdotal.

2. Também foi comentada com muito interêsse uma experiência de seminário para vocações adultas, na diocese de São João das Missões, no Paraguai, onde os seminaristas vivem em equipes, alojados em casas independentes, com revisão periódica de vida, aplicação sistemática da correção fraterna, compromissos na vida paroquial, trabalhos manuais para o seu sustento etc.

Notou-se que o êxito dêsse tipo de experiências depende em grandíssima parte da personalidade dos que as dirigem.

III — PASTORAL DE CONJUNTO

Visão da realidade

Estudou-se a realidade urbana e rural. Concluiu-se que temos de adaptar a Pastoral da Igreja à civilização técnica que está mudando as dimensões dos problemas. A *pastoral de conjunto* responde a um fato

sociológico, cuja base não pode ser resolvida na escala local. O exposto podemos resumi-lo da seguinte maneira: 1) está-se realizando uma rapidíssima mudança local, que acentua a necessidade de uma pastoral de conjunto pelas mudanças na própria Igreja, aceleradas pelo Concílio; 2) esta necessidade é confirmada pelas condições especiais na América Latina; 3) a pastoral de conjunto é uma técnica que pode variar em seu conteúdo, porém, uma técnica que supõe espírito; 4) a pastoral de conjunto pressupõe uma dupla condição:

- 1.º — preparação tanto sociológica como teológica, por não ser um trabalho de escritório, mas uma técnica de ação de grupo;
- 2.º — integração do clero na preparação do plano, para que o clero não seja um simples executor.

CONCLUSÕES: necessidade de conhecer, o melhor possível, a realidade sócio-religiosa.

Teologia da pastoral de conjunto

1. *Mistério da Igreja.* — É necessária uma reflexão sobre o mistério da Igreja, superando o conceito jurídico. Esse mistério da Igreja deve se realizar partindo da comunidade humana que tem uma vocação não simplesmente profana mas também cristã. Continuar depois com a ação missionária, pela qual Cristo é apresentado mais explicitamente a essa comunidade humana de fé, isto é, ao homem convertido que, alimentado de um lado pela palavra de Deus e, de outro, pela pastoral de conjunto, deve ser levado aos sacramentos.

2. *Teologia da diocese.* — A vida sacramental é conseqüentemente um trabalho missionário por etapas. Se isto vale para a Igreja universal, vale também para a Igreja particular. O bispo é o sinal mais claro dessa realização, pois participa do colégio episcopal e está unido ao Papa. A função do Papa é a unidade; e a função do bispo, a realização da Igreja. Os presbíteros participam da plenitude do sacerdócio do bispo e são seu prolongamento. Os diáconos são o sacerdócio ministerial de serviço. Os religiosos são sinais dos valores escatológicos. Os leigos são sinais de encarnação da Igreja na comunidade humana.

CONSEQÜÊNCIAS: suas etapas seriam:

- a) ação em nível humano;
- b) ação missionária para conversão;
- c) inserção na comunidade da palavra;
- d) inserção na comunidade litúrgica.

Planejamento

1. Foi estudado o conceito do que seja planejamento: organização científica de um trabalho, levando em conta os meios e metas. O planejamento pastoral deve conseqüentemente levar em conta metas, etapas e meios pastorais.

2. Opção : foram estudados os critérios para a ação pastoral na diocese e chegou-se a uma divisão tríplice desses critérios :

- a) critérios teológicos, para a ação a longo prazo, porque é obra da graça;
- b) critérios sociológicos, para a ação a curto prazo, de acordo com a realidade;
- c) critérios pedagógicos, isto é, preparando a mentalidade para a ação em conjunto.

Execução

1. Família diocesana. O conceito da pastoral de conjunto se fundamenta na realização de uma autêntica comunidade diocesana em torno do bispo.

2. Essa execução supõe um trabalho amplo e consciente para a transformação das mentalidades que leva a entender e realizar uma pastoral de conjunto.

3. Para o êxito dessa execução é requerido um aprofundamento do conhecimento da realidade.

4. É necessária uma equipe encarregada da referida pastoral, porém de qualidade tal que seja capaz de integrar todo o elemento humano, indispensável para essa pastoral.

5. Uma adequada divisão da diocese em zonas.

6. No nível paroquial a pastoral de conjunto tem um duplo aspecto :

- a) centralização quanto à formação;
- b) descentralização quanto à ação.

CONCLUSÃO GERAL : foi proposto o uso da *Pastoral Popular*, órgão do ISPLA (Instituto Superior de Pastoral Latino-Americano), como meio de intercâmbio de experiências pastorais.

IV — APOSTOLADO DOS LEIGOS

Fundamento sobre o apostolado dos leigos

Partimos de uma visão teológica do plano unitário de Deus. O homem deve responder ao chamamento de Deus para realizar o mistério de sua vocação. Esse chamamento se oferece ao homem em dois planos : 1) o plano criacional (*Gn 1,28*) ; 2) o plano vocacional (vocação de Abraão : *Gn 11*).

No plano criacional existe uma vocação humana e histórica do homem que, enquanto dotado de ação e atividade criadoras (*homo faber*), é chamado por Deus para continuar a obra da Criação; não é um simples espectador do Cosmo, mas um verdadeiro construtor do mundo. O cristão não pode permanecer alheio a esse grande chamamento que é o mundo diante do homem. Deve assumir as dores do mundo em que vive, tomando consciência de que o mundo não só é *natureza*, mas também algo *histórico*. Não é um simples *ser de natureza*, mas também sujeito ao *tempo*

do mundo ou ao tempo humano, a cujo ritmo avança a história. Isso formará a consciência histórica do cristão, que, relevando-lhe a forma própria de sua existência histórica e de suas responsabilidades diante da mesma, tornará possível uma realização autêntica do homem numa compreensão estrutural e dinâmica da história. Numa palavra : o cristão, enquanto homem, deve ser responsável por tôdas as exigências históricas do tempo em que vive, consciente de que Deus não fala só através da natureza, mas também do tempo e da história.

No *plano vocacional* tratamos da vocação divina e cristã do homem. O homem é chamado por Deus para participar desta vocação divina e do mistério da economia da salvação : “em Cristo, ensina São Paulo, desde tôda a eternidade o Pai nos chamou e nos escolheu e nos amou... para que fôssemos santos”.

1. *Batismo*. — Pela fé o cristão toma consciência das dimensões sobrenaturais desta nova forma de existência (*nova creatio*) recebida no batismo, pela qual é inserido no mistério de Cristo e da Igreja. Membro do povo de Deus, o cristão participa da própria missão da Igreja que prolonga no tempo e no espaço a obra da redenção do Mediador único entre Deus e os homens, o homem de Cristo Jesus. Configurado pelo caráter batismal a Cristo sacerdote, o cristão participa da mediação salvífica que êle exerce sôbre o mundo e passa então a contemplar o mundo e a história não já na perspectiva de uma aventura terrena, mas na perspectiva da redenção.

2. *Confirmação*. — Para êste trabalho apostólico no mundo que Pio XII chamou de *consecratio mundi*, o leigo cristão é fortalecido pelo sacramento da Confirmação que o faz testemunha da graça redentora no mundo. De fato, a ação redentora de Cristo se apresenta ao cristão como um chamado que o atinge não só na sua vocação divina de filho de Deus mas também na sua vocação terrestre e histórica. A redenção não foi sômente individual mas também social, comunitária e, poderíamos ainda dizer, cósmica (cf. *Rom* 8,19).

3. *Teologia das realidades terrestres*. — Aqui se desenrolam os horizontes de uma teologia das realidades terrenas, a qual traz novas luzes para o apostolado do leigo cristão presente no mundo. Uma vez que o pecado introduziu a desordem não sômente nos corações dos homens mas também nas mesmas estruturas sociais e terrenas, o leigo cristão que as assume e purifica, ordenando-as e reintegrando-as no plano de Deus, faz um verdadeiro e autêntico apostolado. Por outra parte, se patenteia igualmente que, sendo êsse seu trabalho apostólico específico, não há nenhuma ruptura de unidade entre os dois aspectos de sua vocação integral : vocação humana de construtor do mundo e vocação cristã de construtor do reino de Deus.

A transfiguração definitiva das realidades terrestres far-se-á sômente na *Parusia* (quando surgirão os novos céus e a nova terra), porém su-

põe o esforço apostólico dos cristãos para reintegrar em Cristo tôdas as coisas. Deus quer que em tôdas as coisas Cristo seja o *Kyrios* (*Filip 2,9*) e que tudo convirja para Ele, a fim de que Ele o submeta todo a Deus e Deus seja tudo em todos (*I Cor 15, 24 e 28*).

4. *Teologia da história.* — Tôda a história se ilumina e encontra seu verdadeiro sentido através de tôdas essas coordenadas do plano de Deus. Nêle encontramos o verdadeiro sentido do tempo como marcha para Deus, para o cumprimento da vontade do Pai.

5. *Edificação do corpo de Cristo que é a Igreja.* — Entre a Encarnação e a Parusia encontra-se o Tempo da Igreja onde todos os cristãos, cada um a seu modo, trabalham na edificação do corpo de Cristo. Ela supõe uma vitória, que já nos é assegurada pela fé (*I Jo 5,4*), sôbre o reino do pecado, da injustiça, do ódio; porém, supõe também uma atuação apostólica sôbre as estruturas do mundo, que é específico do leigo cristão, para que, através de tôdas as resistências que lhe podem advir da matéria e mais ainda da liberdade criada, o mundo se encaminhe para Cristo e esteja, no fim da história, reintegrado na grande unidade do plano de Deus.

Relações do laicato com a Jerarquia

1. *A Igreja, povo de Deus.* — Para estabelecer as devidas relações entre a Jerarquia e o laicato, devemos partir, antes de tudo, de uma visão integral do mistério da Igreja como povo de Deus. *Ecce dies veniunt, dicit Dominus, et feram domui Israel et domui Iuda pactum novum... et ero eis in Deum et ipsi erunt mihi in populum.* A Igreja é êsse povo de Deus, Israel da Nova Aliança que em Cristo *sanguine suo acquisivit, suo Spiritu replevit aptisque modis unionis visibilis et socialis instruxit.* Dessa Igreja, povo de Deus, participa tanto a Jerarquia como o laicato. É importante assinalá-lo, porque uma visão predominantemente jurídica da Igreja, que se desenvolveu em consequência da Teologia pós-tridentina, não deu ao laicato o lugar que lhe compete na Igreja. Entretanto, os leigos também são Igreja e têm uma função ativa na edificação da Igreja, corpo de Cristo.

2. *Os leigos constróem a Igreja.* — A Igreja, no triplo aspecto de podêres divinos que lhe foram conferidos pelo próprio Cristo, gera, instrui e governa seus membros; porém, os membros por sua vez também formam e constróem a Igreja.

No seminário tratamos de analisar todo o alcance teológico dêsse apostolado próprio e específico dos leigos.

3. *Apostolado por missão da Igreja.* — Os cristãos, pelo próprio fato de serem membros vivos do corpo de Cristo que é a Igreja, essencialmente missionária (*sicut misit me Pater et ego mitto vos*), são *ipso facto* cons-

tituídos apóstolos. Esse apostolado compete a todos os que são membros vivos da Igreja, uma vez que é *participatio ipsius missionis salvificae ecclesiae*. A esse apostolado todos os cristãos *ab ipso Domino per baptismum et confirmationem deputantur*.

O campo próprio e específico desse apostolado é o das realidades terrenas, ou seja, *in iis locis et rerum adiunctis ubi ipsa (ecclesia) non nisi per eos (laicos) sal terrae evadere potest*.

4. *Por missão canônica da Jerarquia* — Além desse apostolado comum a todos os cristãos, pode a Jerarquia chamar os leigos para um trabalho de cooperação mais imediata com seu próprio apostolado. Nesse caso, temos o mandato, ou seja, uma missão canônica pela qual a Jerarquia homologa o apostolado dos leigos e o faz participante do seu próprio apostolado jerárquico. É o caso da Ação Católica ou eventualmente a quem a Jerarquia quiser confiar o mandato.

Poderíamos também recordar o caso em que a Jerarquia estendesse esse mandato, confiando aos leigos tarefas propriamente eclesásticas.

5. *Direitos dos leigos*. — Como todo membro do povo de Deus, o leigo tem direito de participar dos bens espirituais que Deus confiou à Igreja e, de modo muito particular, da palavra e dos sacramentos, enquanto através dessa participação se torna membro vivo do Corpo Místico.

Toca-lhe também o direito de manifestar com confiança e liberdade suas necessidades e desejos. Mas também, quando é competente, tem não só o direito como também a obrigação de manifestar seu modo de ver de *iis quae ad bonum ecclesiae respiciunt*. E isso *in veracitate, fortitudine et prudentia*, o que não pode fazer olvidar a caridade e a reverência que sempre são devidas aos legítimos pastores do povo de Deus.

6. *Deveres dos leigos*. — São dois os fundamentos: 1.º — pronta obediência cristã; 2.º — dever de orar sempre por seus legítimos superiores jerárquicos.

7. *Diálogo entre a Jerarquia e o laicato*. — Nesse diálogo, a Jerarquia: 1.º — ouvirá os leigos; 2.º — promoverá sua responsabilidade e dignidade; 3.º — confiando-lhes *officia in servitium ecclesiae*; 4.º — deixando-lhes *libertatem et spatium agendi*; 5.º — animando-lhes o espírito de iniciativa.

Os leigos, por sua vez, intensificarão o espírito de fé e verão em seus bispos os legítimos sucessores dos apóstolos a quem o Espírito Santo colocou para reger a Igreja de Deus.

Os grandes problemas que o mundo moderno apresenta ao leigo cristão

Presente no mundo, o leigo deve tomar consciência da problemática do mundo moderno, porque somente assim poderá cumprir sua missão salvadora no mundo.

No encontro de Viamão tratamos de analisar alguns desses problemas que exigem uma resposta e uma presença cristã no mundo de hoje. São :

1. *O problema da promoção humana*, sobretudo dos mais humildes e dos que sofrem injustiças. — O cristão não pode permanecer alheio a esse fenômeno de conscientização, ou seja, desta forma de progressiva tomada de consciência da promoção humana integral.

2. *A ciência e a técnica*. — É necessária a preocupação de dominar melhor o mundo e aproveitar todos os recursos de nossa civilização de um caráter técnico e científico. O leigo cristão não pode estar fora deste mundo da ciência e da técnica. Sentiu-se de modo particular uma necessidade de presença da Igreja no mundo científico. Os professores universitários não têm uma assistência como seria para desejar.

3. *As realizações de ordem social*. — A presença da Igreja quase se restringe a uma atividade assistencial. Seria para desejar uma participação maior da Igreja através de seus leigos comprometidos no processo e no trabalho de desenvolvimento que caracteriza todos os países da América Latina.

4. *Tomada de consciência e participação da Igreja no mundo de planejamento*. — Hoje, tudo é planejado e com muita antecipação, e nós, quase sempre, para não dizer sempre, chegamos atrasados por essa falta de tomada de consciência de que tudo há de ser planejado. Essa tarefa é própria dos leigos.

5. *Presença dos leigos no mundo dos meios de comunicação : rádio, TV, cinema etc.* — Entre nós, começa a surgir o cinema. Seria tempo também de uma presença eficaz, tanto na fase preparatória (inversão de capitais para a produção) como na realização (preparação de diretores e bons autores) e na distribuição (agentes de filmes cristãos).

6. *Cultura popular, outro fenômeno do mundo de hoje*. — Os cristãos leigos não podem deixar de compreender todo seu sentido e necessidade.

7. *Teatro e diversões* ; — outro campo onde se ressenete muito a falta de uma presença da Igreja mediante seus leigos.

8. *Presença da Igreja nas agências de notícias*. — Foi analisado como se devia preparar os apóstolos leigos para dar resposta a esses problemas, e dois pontos foram frisados : 1) necessidade de formá-los com títulos especializados de formação espiritual e técnica ; 2) necessidade urgente de distribuir melhor nossas forças :

- a) a Igreja poderia pedir um ou dois anos de dedicação apostólica, como a pátria o faz com o serviço militar ;
- b) apóstolos leigos e sacerdotais que poderiam se deslocar para os lugares mais necessitados ;
- c) religiosos e religiosas que se consagram à educação poderiam prestar um trabalho imenso se não se restringissem, como infe-

lizmente o fazem, a cuidar dos colégios sem atender ao trabalho de penetração.

Qualidades do apóstolo leigo

Levando em conta que aquêles de que estamos tratando são militantes e que as qualidades que dêles se exigem estão em proporção com a responsabilidade que têm no trabalho apostólico, eis as qualidades que nos parecem indispensáveis para um verdadeiro apóstolo :

1. *na ordem natural* : sentido de responsabilidade — capacidade de liderança — sentido da medida — bom senso e equilíbrio humano — sentido dos tempos e dos ambientes — capacidade de trabalhar em equipe e sentido de serviço;

2. *no campo sobrenatural* : virtudes teologais — espírito das bem-aventuranças — sentido de consciência de Igreja. Tudo isso ordenado para uma espiritualidade de leigos que teria as seguintes características essenciais :

- a) *compromisso com o mundo* : enquanto os monges se retiram do mundo e os sacerdotes estão no mundo sòmente para realizar uma missão, o leigo está comprometido com o mundo e se insere na própria estrutura do mundo, porque vive nêle;
- b) *consagração do mundo* : enquanto os monges buscam nos votos religiosos uma expressão de consagração a Deus de todo seu ser, e os sacerdotes, na sua função ministerial (*dedicatio fidelibus...*), o sentido mesmo de sua consagração (*sacerdos propter alios*), o leigo vê na *consecratio mundi* a expressão de sua consagração a Deus. Êle quer se consagrar a Deus, porém levando consigo o mundo em que Deus o colocou para que fôsse sal e luz.
- c) *missão apostólica* : enquanto os monges buscam na contemplação a forma mais perfeita de sua ação apostólica e os sacerdotes na ação ministerial a maneira mais adequada de viver a missão que lhes foi confiada, o leigo realiza sua missão inspirando nas estruturas do mundo o espírito cristão e dirigindo a marcha do mundo para Deus.

Observou-se também que uma espiritualidade dos leigos deve, mais que qualquer outra, insistir no primado da caridade. Encarar a vida sacramental na perspectiva de um encontro pessoal com Deus e rejeitar tôdas as tentações de identificar a perfeição cristã com a perfeição do moralismo psicológico.

Em vez de insistir num perfeito equilíbrio do homem, psicologicamente falando, a perfeição é um compromisso, um serviço, um combate. Nesse realismo cristão até as próprias faltas têm valor, porque *Diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum (etiam peccata)*.

Prelazias do Brasil

Um Problema Missionário e Desconhecido

Estudo apresentado ao II Congresso Internacional do PRO MUNDI VITA, realizado em Lovaina (Bélgica) de 7 a 11 de setembro de 1964, da autoria de Dom Afonso Maria Ungarelli, M.S.C., Prelado de Pinheiro, Estado do Maranhão, membro da Comissão conciliar para as Missões.

DOM AFONSO MARIA UNGARELLI, M.S.C.

A Bacia Amazônica

Constitui um problema recentíssimo. Ainda que interesse a um território imenso (quase a metade do Brasil), não surgiu senão nos primórdios deste século, porque a Bacia Amazônica não era antes habitada senão por algumas tribos de índios pouco numerosos, nômades e selvagens, que recusavam qualquer contato com o mundo civilizado; e impossível era deles se acercar.

Até o fim do século passado, portanto, a Bacia Amazônica era completamente desconhecida e desabitada.

Origem histórica das prelações brasileiras

Na segunda metade do século passado, a indústria bruscamente compreendeu a importância de um novo produto que lhe era útil e mesmo indispensável: a borracha. Só uma região do mundo podia então fornecer a matéria-prima desse novo produto: a Amazônia. Naquela floresta virgem espontaneamente crescia a *hevea brasiliensis* e, às vezes, vigorosa e dominante.

A descoberta dessa natural riqueza suscitou uma corrente de imigração de *infelizes* que abandonavam as terras cansadas ou muito secas do li-

toral atlântico para ir explorar no coração da Amazônia a seiva preciosa que dá a borracha e cujo preço aumentava sempre.

Três fatores têm favorecido a imigração de negros e mestiços para a Amazônia.

1. *A abolição da escravatura (1888) deixou os negros de origem africana em estado de precariedade*

Por causa da abolição da escravatura, os proprietários acharam-se súbitamente privados dessa mão-de-obra abundante e barata, fornecida pelos negros cativos trazidos da África, e abandonaram em grande número suas fazendas, retirando-se para as cidades. No mesmo dia em que celebravam sua liberdade, os ex-escravos caíram na mais profunda miséria que os obrigou a procurar outro meio de sustento.

2. *No Sul do Brasil as correntes imigratórias européias eram preferidas aos antigos escravos*

Com efeito, o Sul do País tinha largamente aberto as portas à imigração européia, que era recebida com muito empenho, pois trazia para o Brasil forças novas e vigorosas que desencadearam rápidos progressos na agricultura e indústria. Com a chegada dos brancos de bem-estar, a boa saúde, mais fortes, mais instruídos, tecnicamente mais bem formados e acostumados ao trabalho, os negros tiveram que tomar outro rumo: o Sul não era mais para eles.

3. *A Amazônia exercia um poder mágico sobre os negros e mestiços*

Inebriados pela nova liberdade e muito sensíveis ao convite da floresta, os negros e mestiços, arrastados pela necessidade, sem instrução nem formação técnica, não procuravam senão o trabalho fácil e lucrativo de colher a seiva da borracha.

Em vista da contínua corrente imigratória e dos extraordinários lucros, os empreendedores e as companhias viviam da exploração vergonhosa, aproveitando-se dos infelizes seringueiros perdidos e esmorecidos na floresta amazônica. Foi então que surgiu, bem no centro desse verde deserto, uma cidade inteiramente nova, esplêndida e luminosa, Manaus, que se tornou bispado em 1892.

Nos primórdios deste século, porém, a Amazônia perdeu o monopólio da borracha: foi suplantada pelas plantações sistemáticas dos ingleses na Indonésia. A queda da borracha do Brasil foi vertiginosa. Manaus perdeu muito de sua magnificência. Mas a imigração continuou, embora, sem dúvida, num ritmo decrescente. Os imigrantes adaptaram-se à região e dedicaram-se à cultura tradicional com métodos também tradicionais, levando quase por toda a parte uma vida miserável. Assim, aquela região rapidamente tornou-se povoada.

Em 1903, para assegurar uma assistência religiosa à população imigratória, surgiu o problema de criar uma circunscrição eclesiástica em Santarém, cidadezinha às margens do Amazonas, entre Belém e Manaus. Que tipo de circunscrição seria? Impossível criar uma diocese por falta de clero secular. De outro lado, por motivos políticos, não se estava inclinado a instalar uma prefeitura ou vicariato apostólico. A Sagrada Congregação Consistorial erigiu então uma prelazia *nullius* que foi, na Igreja, a primeira de caráter missionário. Foi confiada aos franciscanos. Somente em 1911 pôde ser ereta a segunda — Santíssima Conceição de Araguaia — que teve sua sede num vilarejo isolado do Pará.

Em 1930, havia 14 prelazias; em 1950, 22; e, atualmente, são 40 no Brasil.

NOTA : nos demais países latino-americanos há umas trinta prelazias, tôdas recentes e fora da Bacia Amazônica. No ponto de vista missionário, não têm as mesmas características que as do Brasil. Pelo contrário — e isto é importante — as prelazias do Brasil têm quase as mesmas características que as nove prefeituras apostólicas e os 55 vicariatos apostólicos, dependentes da Sagrada Congregação da Propagação da Fé e situadas na Bacia Amazônica, fora das fronteiras do Brasil.

Área geográfica das prelazias brasileiras

A Bacia Amazônica tem uma superfície de 7 milhões de quilômetros quadrados, dos quais 4 000 000 no Brasil, abrangendo os Estados de Mato Grosso, Acre, Amazonas e Pará, os Territórios de Guaporé, Rio Branco e Amapá, parte dos Estados do Maranhão, Goiás e Piauí, onde se encontram as 40 prelazias brasileiras.

A área dessas prelazias é verdadeiramente imensa, pois abarca *quase a metade do Brasil* que tem 8 500 000 quilômetros quadrados. O clima, quente e úmido, não é bom. Domina por toda a parte o impaludismo e doenças tropicais; não há estradas e, nas florestas virgens, nem caminhos também. Aliás, as viagens por terra são sempre dificultadas por ribeiros e pântanos; as de barco são muitas vezes intermináveis (podendo demorar-se semanas e meses) e perigosas. Apesar de tudo, a população aumenta e rapidamente, seja pelo índice do crescimento, (um dos mais altos do mundo : 23/1000), seja pela contínua imigração. Como dissemos, a população vive, em sua maior parte, numa miséria tal que tem suas conseqüências no campo espiritual. Não devemos esquecer que nessa região vivem ainda talvez uns 150 000 índios.

NOTA : nos 3 milhões de quilômetros quadrados da Bacia Amazônica fora do Brasil há 35 vicariatos e 9 prefeituras apostólicas assim distribuídas :

Paraguai . . .	2	vicariatos	apostólicos	
Bolívia	6	"	"	
Peru	7	"	"	e 1 prefeitura apostólica
Equador	5	"	"	e 4 prefeituras apostólicas
Colômbia . . .	11	"	"	e 4 " "
Venezuela . . .	4	"	"	

T o t a l 35 vicariatos apostólicos e 9 prefeituras apostólicas

As prelazias "nullius" do Brasil são verdadeiras missões

1. Com efeito, *não tendo clero local*, são territórios confiados a ordens ou congregações religiosas ou institutos missionários *para aí implantarem a Igreja*. Esta razão é fundamental e por si própria suficiente para definir a *Missão*.

2. Acresce, porém, que, apesar dessa população ser batizada na sua maioria, não pode ser considerada cristã: a maior parte não conhece as verdades fundamentais da fé nem os sacramentos; não há, pois, prática cristã. Acrescentemos que muitos negros e mestiços guardam suas tradições animistas da África.

Quanto aos índios, a grande maioria não é batizada, porque evitam qualquer contato com o mundo civilizado.

NOTA: *as prelazias do Brasil devem ser contadas entre as missões mais difíceis* pelas seguintes razões:

- clima penoso e malsão quase por tóda parte;
- populações isoladas devido a obstáculos insuperáveis;
- alimentação insuficiente (o custo de vida é bem mais elevado que em São Paulo ou Rio de Janeiro);
- também o material de construção é muito caro, visto que devem ser transportados do Sul e que os transportes são lentos e dispendiosos.

As prelazias do Brasil estão hoje largadas a si próprias

1. *Quer por falta de uma situação jurídica clara e bem determinada*

As prelazias missionárias brasileiras não são só dioceses formadas, com seu clero e obras já estabelecidas; pelo contrário, são *dioceses em formação* onde "a família religiosa" desempenha, conforme uma declaração oficial, um papel de capital importância, ao zelo e cuidados da qual as prelazias foram confiadas.

Entretanto, por estranho que pareça, não há hoje — como houve nos primeiros tempos das prelazias — nem acôrdo, nem documento, nem mes-

mo uma simples carta em que se ateste que tal família religiosa tenha sido encarregada de determinada prelazia. Naturalmente a boa vontade supre. Isto, porém, não impede que a falta de qualquer acôrdo :

- a) engendre uma situação equívoca muito séria que poderia provocar uma multidão de dificuldades em certas circunstâncias;
- b) e deixe sem apoio algum pobre prelado, ao qual se confie uma missão, como se fôsse uma diocese perfeitamente organizada, mas onde na realidade tudo está ainda por se fazer.

No caso de missões dependentes da Sagrada Congregação da Propagação da Fé sempre há acôrdo claro e especificado.

2. *Quer por falta de ajuda financeira indispensável à manutenção*

Não é exagêro afirmar que a situação financeira das prelazias brasileiras é hoje péssima, e para algumas até desastrosa. Como as prelazias não dependem da Sagrada Congregação da Propagação da Fé, não recebem a ajuda regular concedida às missões. Carece observar que o auxílio necessário a uma missão não é só para as obras, mas *principalmente* para o sustento dos missionários.

O que as prelazias da Amazônia pedem é somente o necessário para viver honestamente e fazer um trabalho apostólico sem serem constantemente embaraçadas por dificuldades financeiras.

NOTA : costuma-se dizer muito freqüentemente que as prelazias do Brasil não têm necessidade de ajuda missionária, porque recebem auxílio muito substancial ou do Govêrno ou da CAL (Comissão Pontifícia pro América Latina) ou de certas instituições que lhes estão relacionadas.

É preciso dizer uma palavra a êste respeito :

1) *A ajuda do Govêrno brasileiro*

Sob o patrocínio da Nunciatura Apostólica, em 1957 houve uma Reunião dos Prelados *Nullius*, em Belém do Pará, a fim de estudar a situação sempre inquietante das prelazias. Foi constatado que 90% das obras escolares e sociais da Amazônia eram mantidas pelas prelazias. Após as conversações, esperava-se obter do Govêrno o auxílio da SPVEA (Superintendência Para Valorização Econômica da Amazônia), organização nacional recentemente criada para o progresso da Amazônia.

Com efeito, o Presidente da República participou da reunião e, na presença do Núncio Apostólico, assinou um decreto obrigando a SPVEA a fornecer cada ano 3% dos proventos às prelazias.

Porém :

- a) *a promessa não foi mantida* a não ser em parte e muito arbitrariamente;
- b) e, afinal, a ajuda foi *outorgada unicamente às obras públicas* e não às missões.

2) *A subvenção da CAL* (e demais instituições que se lhe relacionem : MISEREOR, ADVENIAT etc.)

Nestes últimos anos, vimos com alegria multiplicarem-se instituições para assegurar à América Latina o pessoal e meios de que ela precisa a fim de sair da situação de inferioridade e ocupar, o mais depressa possível, o lugar que lhe pertence na Igreja. Mas a finalidade da CAL não é a de ajudar as missões.

Para as missões há o Conselho Superior Geral da Propagação da Fé

Assim, a CAL (e demais instituições que dependem dela) auxilia as zonas missionárias,

- somente por exceção;
- em medida muito limitada;
- e nunca regularmente.

Com efeito, o fim da CAL, é de concentrar seus esforços nos pontos vitais da América Latina que são mais suscetíveis de grande desenvolvimento. Para o Brasil, o trabalho da CAL se concentra em certas dioceses do Sul, do Centro e do Nordeste.

A Amazônia, região missionária, em geral fica excluída.

Conseqüências angustiantes: a Igreja missionária da Amazônia está em perigo

1. Com a falta de recursos o progresso das prelaças é freqüentemente lento demais, absolutamente aquém do aumento demográfico e do desenvolvimento social : faltam padres, residências, meios de transportes, escolas e obras sociais.

2. Com a falta de recursos não pudemos ainda preparar e organizar a obra de *catequistas*, como na África e na Índia. Embora tenhamos iniciado sua organização, esparsamente contudo, não conseguimos resultados senão muito limitados.

Numa região onde a família não é bem constituída e onde há grande ignorância religiosa e quase nenhuma prática de vida cristã, a instituição de catequistas parece mais necessária do que a obra das vocações. É somente com a catequese bem organizada que poderemos esperar ter daqui a vinte ou trinta anos vocações bastante numerosas.

3. Por causa da falta de recursos não podemos angariar padres ou leigos estrangeiros como é feito no resto do Brasil e em todos os países de missão.

4. Os superiores maiores não gostam muito, aliás, de mandar missionários, porque nossas condições de vida são às vêzes inumanas e o apos-

tolado é muito penoso e menos frutuoso do que no Sul ou no Centro do Brasil.

5. Enfim, todos sabem da dificuldade que hoje há para encontrar ordens e congregações religiosas dispostas a se encarregarem de uma prelazia. Os próprios institutos missionários — vimo-lo há apenas alguns meses — preferem, às prelazias da Amazônia, paróquias, seja no Sul, Centro ou Nordeste do Brasil. É muito natural; é a consequência lógica da miséria em que se acham hoje as missões do Brasil. *O sacrifício dos missionários é muito grande sob todos os aspectos.*

É pois mister dar aos missionários um número de segurança jurídica e financeira que lhes possa assegurar os meios indispensáveis para viverem e fazerem um apostolado que não seja inferior àquele que hoje é feito nas missões africanas ou indianas e, se quiserem, — para não irmos muito longe — que não seja inferior ao do que está sendo feito nas 44 missões da Amazônia que dependem da Propagação da Fé.

Conclusões práticas

1. *O problema missionário do Brasil deve ser esclarecido*

Por muito tempo tem sido silenciado e negligenciado. De tal modo tornou-se premente que pede solução rápida e integral. O Padre Montanus, fundador do PRO MUNDI VITA, viu com seus próprios olhos no Maranhão, nas cercanias da Amazônia, o incrível crescimento de uma população em plena evolução social e, no entanto, completamente abandonada. O caso das prelazias do Brasil é tanto mais urgente quanto talvez único na história das missões.

2. *A solução fundamental é evidentemente o reconhecimento claro e sincero da situação missionária das prelazias brasileiras e o reconhecimento dos direitos que tal situação exige*

É chegada a hora, e os missionários da Amazônia esperam com confiança uma pronta solução para a sua situação no plano jurídico e financeiro. São missionários, trabalham como missionários que carregaram durante muito tempo “o pêso do dia e do calor” e pedem hoje para ser tratados como missionários para o bem das missões. Evidentemente não cabe ao PRO MUNDI VITA solucionar o problema dessas prelazias, porém...

3. *O PRO MUNDI VITA poderia eficazmente oferecendo pessoal especializado (padres ou leigos) para a catequese, educação ou obra social*

Devemos recuperar o tempo perdido e seguir a evolução, cada vez mais rápida, da época.

Doutrina e Prática da Vida Religiosa

O Bispo e as Comunidades Religiosas Femininas

DOM HENRI MAZERAT
Bispo de Angers

I

A RECENTE nomeação de um adjunto ao vigário-geral encarregado das comunidades religiosas femininas da diocese provocou a redação destas linhas. Desejaria fazer algumas reflexões sobre a vida religiosa na Igreja e precisar o papel do bispo em relação às congregações femininas.

Tôdas as superiores gerais poderiam fazer a relação de uma abundante correspondência em que novas fundações são incessantemente solicitadas. As cartas vêm de tôdas as autoridades da Igreja, das mais altas, como de vigários das mais modestas paróquias. Apêlo comovente ao serviço das religiosas, que nos deve fazer refletir. Está cheio de sentido cristão.

Ao mesmo tempo, contudo, como por oposição impressionante, vêm as congregações diminuir a entrada de candidatas no postulante. Num momento em que na Igreja há a necessidade de um maior número de consagradas, menos aspirantes se apresentam para corresponder a êsse chamado. Isto mesmo acontece em nossa diocese, onde entretanto a vitalidade religiosa permanece muito forte, mesmo com respeito a congregações novas que parecem mais modernas e mais atraentes. Entretanto, para a França em geral, sabemos que, dentro de uns vinte anos, metade ou quase metade das casas religiosas atuais serão fechadas — a menos que haja um retôrno providencial sempre possível à graça tôda-poderosa de Deus. O Cônego Huyghe, hoje Bispo de Arras, escrevia recentemente: "Todo o ano vê um recuo dêstes postos avançados da Igreja que são os hospitais, orfanatos, hospícios ou escolas".

Importa encarar esta situação corajosamente e com lucidez, perguntando-nos se não há, no fundo de tudo isso, uma falta de fé por parte da comunidade cristã — pelo menos aqui na França, porque, graças a Deus, o mesmo não se dá em tôda parte.

A requisição de religiosas para cuidar, visitar ou instruir, poderia constituir uma perspectiva puramente humana. Ora, no ponto de partida da vida religiosa, há um chamado de Deus; o apêlo divino está em primeiro lugar. De outro modo, não poderíamos falar em vocação religiosa; se há vocação, sua origem é porque vem do alto, vem da escolha de Deus, absolutamente livre e gratuita, é porque se trata de uma realidade de ordem sobrenatural, de uma questão de fé.

Não pode a jovem julgar de sua orientação para a vida religiosa como se fôsse para saber se ela daria para secretária ou enfermeira. Em sua alma, sob as vistas de Deus e o impulso do Espírito Santo, ela se deve interrogar para compreender a vontade divina sôbre sua vida, para saber o que Deus quer dela. Se reconhecer que seu caminho é a consagração total conforme “os instrumentos de entrega exclusiva a Deus” que são os votos, tais como a Igreja os precisou, não há senão que corresponder ao chamado divino e em consenti-lo. Tôda vocação implica uma resposta.

Tal resposta será ainda do domínio da fé. Será também um gesto religioso e não a escolha de uma carreira humana. Ao amor providente de Deus responde a alma com seu amor, feito de liberdade e de graça; amor inteiramente pessoal e incomunicável; mas amor que também se situa numa comunidade, digamos na comunhão dos santos. Se as vocações são menos notadas — não digo menos numerosas — é justamente porque a comunidade cristã está menos atenta e até indiferente. Isto não exclui que, em tal grupo, a vocação religiosa se torne sem significação profunda, senão mesmo rejeitada.

Não meçamos as responsabilidades, sobretudo as dos outros; Jesus disse: *Não julgueis*. Pelo menos, coloquemo-nos resoluta e sinceramente diante desta situação. Qual é a nossa parte pessoal?

II

A vocação comum à vida religiosa consiste na consagração a Deus pelo amor exclusivo, por meio da profissão dos três votos de pobreza, castidade e obediência, com a vida comum, segundo tôda a tradição e experiência da Igreja.

Mas, no correr do tempo, formaram-se numerosas famílias religiosas, mais especialmente em certas épocas, como no século XIX, a fim de corresponder às necessidades do apostolado durante o período que se seguiu à tormenta revolucionária. Certas pessoas menos informadas escandalizam-se com a multidão de congregações religiosas. A verdade é que a vida exige uma evolução e reagrupamentos. Êstes se multiplicam hoje em dia. Mas quanto empobrecimento se tudo fôsse reduzido a uma unidade matemática e fria! Os santos fundadores tiveram sua “palavra” a dizer

na história da Igreja. A “palavra” de São Vicente de Paulo não é a de São Francisco de Sales. Santo Inácio de Loyola não fundou religiosas e, contudo, numerosas congregações inspiraram-se no seu espírito. Diversidade cheia de riqueza espiritual que decorre, em certo modo, das diferentes páginas do livro único da consagração religiosa!

É sem dúvida para proteger este fundo único e seus múltiplos aspectos que a Santa Sé tem um papel centralizador neste domínio. Certas congregações são denominadas de direito pontifício, outras de direito diocesano, mas a todas elas se deve respeitar seu espírito próprio, sua “maneira” peculiar ou, segundo o termo técnico, suas “Constituições” que, em todos os casos, receberam a aprovação da Igreja.

Todavia, é óbvio que toda a família religiosa é radicada num lugar determinado, conforme o da fundação. Assim, ela tem, necessariamente, um liame muito forte com o Ordinário do lugar, o bispo da diocese onde existe tal família religiosa, especialmente no referente à casa-mãe. Anjou sente-se honrada de possuir no seu território um grande número de casas-mães religiosas. Muitas delas são uma fonte abundante, um ponto de partida para outras dioceses, para as missões, para toda a Igreja.

III

Entretanto, é uma grande graça para nossa diocese que numerosas religiosas trabalhem junto de nós, beneficiando-nos com a sua ação e, mais ainda, com sua presença. Não cessarei de repetir, como já o fiz na minha anterior diocese, as religiosas existem antes de agirem. Mais que de sua ação, precisamos é de seu ser, de sua existência de consagradas a Deus. Para uma diocese, não ter contemplativas por exemplo, seria uma pobreza inominável. É sobretudo a ação apostólica das religiosas que muitas vezes vem a criar mais laços visíveis com o bispo do lugar.

Tal ação não poderá ser qualquer uma.

De qualquer modo, deverá respeitar a originalidade de cada congregação. O próprio bispo deve se submeter ao espírito que a Igreja reconheceu oficialmente. Como já disse, são facetas múltiplas que refletem uma luz única. O bispo reconhecerá e aceitará o fim de uma casa religiosa desde sua fundação. Certamente haverá necessidade de fusões. A au-recê-las. Ela as preparará e as proporá à Santa Sé.

O respeito à orientação própria de cada família religiosa implica como necessária reciprocidade o desvêlo de se inserir na pastoral de uma diocese, cuja definição e plano pertencem ao bispo (1). Cabe às religiosas dar-lhe a “ajuda esforçada”.

Pio XII, em 1956, escrevia ao Cardeal Valério: *Em primeiro lugar, no que concerne ao apostolado local que deve prestar seu concurso à jerarquia eclesiástica, é absolutamente necessário que “nada seja feito sem o bispo”* (Santo Inácio de Antioquia). *Caberá pois aos bispos, segundo as*

(1) Não exclusivamente quando o plano inclui religiosos (N. da. B.).

prescrições da Sé Apostólica e normas do Direito Canônico, tomarem as medidas necessárias para que nas suas respectivas jurisdições nada fique a desejar no que concerne a tão importante questão. Quanto aos ministros sagrados de um ou de outro clero, deverão, tanto os religiosos como religiosas, prestar um concurso zeloso, harmonioso e recíproco, de modo a realizar com a ajuda de Deus as diretrizes dadas pelo bispo.

É dentro deste espírito que pedi a um padre para ser adjunto do vigário-geral ficando encarregado das comunidades religiosas femininas, em homenagem à vocação religiosa,

num desejo de melhorar o serviço das congregações, ajudando-as sempre no sentido de sua fidelidade,

num desvelo de multiplicar as vocações religiosas,

numa vontade de facilitar a inserção das religiosas na pastoral diocesana.

Assim, os misteres do diretor e de seu adjunto serão especialmente os seguintes :

O essencial será representar o bispo na totalidade dos problemas da vida religiosa e do apostolado das pessoas consagradas a Deus. Por analogia com o cânon 44, § 2, uma permissão que não fôra concedida pelo adjunto não poderia ser pedida ao vigário-geral sem avisá-lo da primeira recusa.

Igualmente, os parágrafos seguintes não levarão em conta uma distinção de pessoas e empregarão o singular.

1. A função de "encarregado das congregações religiosas femininas" (o Concílio ou, mais exatamente, o Direito Canônico revisado achará talvez um nome novo para designar esta função) abrange :

- a) As relações com a Santa Sé nos dois sentidos. Ele encaminha para Roma as relações anuais ou quinquenais, visa as súplicas dirigidas à Santa Sé e executa os rescritos. Autoriza as saídas de monjas do claustro, conforme a instrução *Inter coetera* de março de 1956 e as menciona no registro correspondente.
- b) Ele dá os poderes aos confessores ordinários e extraordinários. Procura especialmente os que conhecem a vida religiosa ou pelo menos a estimam e apreciam. Mormente para as educadoras paroquiais procurará separar fóro interno e externo, de maneira que as religiosas não tenham como confessor aquêle com o qual elas têm de colaborar no fóro externo.
- c) Favorece a escolha de pregadores de recoleções e de conferências para levar às religiosas um alimento espiritual regular. Assim procedendo, ele não se substitui às religiosas na escolha. Simplesmente, tem o desejo de aconselhar e sustentar cada congregação no espírito de fidelidade às origens, sem arcaísmo e ao mesmo tempo abertas aos novos deveres da Igreja no mundo moderno.
- d) Faz ou manda fazer regularmente as visitas canônicas. Conforme o Direito, controla em certos casos a gestão financeira ou a administração. Está encarregado dos "exames canônicos".

- e) Redige e faz o bispo assinar indultos relativos às congregações de direito diocesano com o respectivo registro.
- f) Está em constantes relações com as uniões de religiosas que, depois de alguns anos, se tornaram de direito pontifício. Encoraja a adesão, se necessário, a estas uniões.
- g) Com os superiores maiores, que êle convoca de vez em quando, trata dos diferentes problemas comuns às congregações religiosas da diocese, mormente para levá-las a uma formação teológica mais profunda. Não deixarão de se propor novas questões. Seria interessante pensar em cursos comuns para juvenato maior ou para mestras de noviças. Outras dioceses já nos deram o exemplo (2).

É em derredor do diretor que se poderá estudar eficazmente o ajuntamento dos grupos muito pequenos numéricamente ou dispersos geograficamente. As questões sôbre ajuda mútua, por exemplo a *Mutuelle Saint-Martin*, não podem por definição ser tratadas senão em conjunto. A vida cotidiana sempre acarreta tarefas novas.

2. O vigário-geral encarregado das religiosas, como o *Ordo* já menciona, está também encarregado dos capelães, os quais lhe darão uma confiante e contínua colaboração. Terá de oferecer um vasto informe na reunião de padres. Diários ou sessões de informação sôbre a vida religiosa serão prestados aos padres da diocese a fim de lhes dar a conhecer e fazer estimar a profissão religiosa, prolongamento e remate da consagração batismal. Muitos devem abrir seu coração e sua mente a êste problema para o verem tal como êle se apresenta na Igreja de hoje.

3. Cabe a êsse vigário-geral achar colaboração e tomar iniciativas para trabalhar em união com as religiosas evidentemente a fim de promover, orientar, experimentar, favorecer por todos os meios as vocações religiosas — e isso em tôda sua extensão, sem esquecer o lugar de escolha das contemplativas. Importa patentear aos fiéis êste caso de importância para a Igreja, situando-o no domínio da fé mais que no serviço humano, como já disse acima.

A ligação será inteiramente natural com o diretor diocesano da Obra das Vocações Sacerdotais.

4. Enfim, trabalho importante será o da inserção das religiosas na pastoral diocesana.

As comissões de pastoral de conjunto já têm desempenhado um grande papel; a contribuição das religiosas tem sido particularmente apreciada a êste respeito. Progressivamente, a colaboração delas com o clero e o laicato será melhor determinada, num espírito inventivo. Fazendo-a, será por certo atender a um apêlo exato da Igreja atualmente. Tratar-se-á so-

(2) Sobretudo neste ponto deveria haver o máximo entendimento com o sacerdote encarregado de semelhante mister pelas seções estaduais da CRB (N. da R.).

bretudo de fixar as urgências. Quero observar aqui como são gritantes estas urgências. É o caso das massas de crianças e adolescentes que se formam nos quarteirões recém-construídos, por exemplo Santa Bernadete de Cholet ou, em breve, a ZUP de Angers, que se acham desprovidos de nossos equipamentos tradicionais.

A ligação será sempre necessária entre as diferentes direções da diocese, as das obras, do ensino religioso, dos padres encarregados do ensino público ou privado, da Ação Católica etc. Será feito um trabalho de adaptação às novas necessidades apostólicas. Para o próximo ano será estudada em especial a catequese dos adolescentes.

Enfim, a abertura "missionária" será sempre desenvolvida, seja no interior da própria diocese por causa das novas aglomerações que não cessam de se criar, seja além-muros, em dioceses particularmente descritianizadas como a que acabo de deixar, ou além-mares, em missões no sentido tradicional da palavra. Umas e outras esperam tudo de nós. Quando um organismo tem necessidade de transfusão de sangue, somente um outro lho pode dar. Servir a diocese de Angers, esquecendo isso, seria perder o espírito cristão...

Invoquemos por fim aquela que é a Rainha das Virgens, o modelo das almas consagradas, aquela em quem pomos toda a nossa confiança depois de Deus. Que ela se digne abençoar nossos esforços de acolhimento e de correspondência à vocação religiosa, maravilhoso dom do Espírito do Senhor.

UM PEDIDO A PARTE

Resende, RJ — Com um carinho todo particular fazemos muito nosso este apêlo. É um verdadeiro LAR DOS MENINOS em questão. Conhecemos de perto a obra e podemos assegurar amplas possibilidades de sentido pedagógico que a mesma oferece. Em condições vantajosas, sob vários aspectos, e sem problemas econômicos, com boas instalações, condução própria etc.

Uma congregação, masculina ou feminina -- que possa destacar para os serviços administrativos e internos dêste Patronato alguns elementos — é a graça que o sacerdote responsável pela notável obra solicita e espera neste Nôvo Ano !

Não deixe de atender. Podemos dar maiores informações. Consulte-nos.

O Conselho do Pensionato

MADRE MARIE PIERRE

Religiosa de Maria Auxiliadora

N. da R. — *A Revista da CRB publicou já em seus números 92 (pp. 121), 93 (pp. 183-188), 110 (pp. 488-500) e 115 (pp. 48-53), matéria a respeito de pensionatos, visando com isso dar conhecimento do que na França se tem escrito e realizado a favor de môças, estudantes ou operárias, abrigadas em estabelecimentos dirigidos por religiosas. O trabalho ora apresentado — traduzido de RELIGIEUSES D'ACTION HOSPITALIÈRE ET SOCIALE, sob o título "Le conseil de maison dans un foyer de jeunes filles" — conquanto exercido fora do Brasil e embora nem sempre possa ser aplicado na integra em nosso meio, oferece, com sua leitura, em especial para as religiosas encarregadas de pensionatos, elementos que as ajudarão a realizar experiências novas, uma vez adaptadas à nossa realidade.*

NOSSO conselho de pensionato entra no seu terceiro ano. Parece-nos que podemos ver claramente a ajuda que trouxe a nossa tarefa de educadoras. Ensinou-nos :

- a melhor conhecer e compreender nossas môças, a descobrir sob seu aspecto superficial, muitas vêzes, um sofrimento, uma necessidade de se dedicar, de se superar, de procurar o verdadeiro sentido da vida;
- a dialogar com elas, a achar um enriquecimento em seu contato. E êle nos ajudou :
- a criar em nossa casa um clima não artificial, mas verdadeiramente cristão, onde as jovens se preparam para entrar na vida de adultas;

— a descobrir aquelas que são mais capazes de formar a *linha de frente*, a elite mais pronta a receber uma formação em profundidade, levando-as à liderança cristã, agora, no pensionato e, mais tarde, onde Deus as colocar.

Por que estabelecemos o conselho de pensionato ?

— Porque êle responde aos diferentes problemas que se nos apresentam : 1) o número de môças ; 2) o local de que dispomos ; 3) as próprias môças.

O número de môças. — Como atender a tôdas ? Como ter certeza de que uma ou outra não fica isolada ? Como criar no pensionato uma verdadeira comunidade, num clima cristão ?

O local de que dispomos. — Casas antigas têm seus encantos, mas têm também seus inconvenientes. As môças ficam divididas em pequenos grupos, formados pelos andares, apartamentos ou quartos, grupos que variam de sete a dez môças.

Problemas criados pelas próprias môças. — Diz-se que a jovem moderna é passiva, se deixa facilmente influenciar e segue, sem refletir nem reagir. Entretanto, ela tem muitas possibilidades, que, com nossa ajuda, devem ser descobertas, desenvolvidas e valorizadas.

Nossas jovens, de 18 a 20 anos, empregadas ou estudantes, vêm quase tôdas do interior. Deixaram um lar, uma família... Sentem-se sós, retiradas de seu meio, numa vida para a qual geralmente não foram preparadas. A família, seu esteio e sua afeição, lhes faz falta. Como lhes pesa, a certas horas, a independência que tanto desejaram !

Para muitas delas, a prática religiosa é uma questão de tradição, de hábito. Não escolheram sua fé, e ainda não aderiram inteiramente a ela. Geralmente, estão prontas a receber e, sem que o confessem, esperam muito de nós. Da passagem pelo pensionato depende a orientação definitiva de sua vida. Nosso dever é despertar nelas o desejo do *melhor*, para que aceitem participar ativamente na sua própria formação. Nesse despertar é que o conselho de casa tem um papel insubstituível.

Organização do conselho. — Nosso conselho se compõe de 23 jovens escolhidas e designadas por suas companheiras. Cada andar, cada dormitório, tem uma ou duas representantes, conforme sua importância.

O conselho é renovado todos os anos. As eleições são preparadas por duas reuniões obrigatórias, agrupando tôda a casa. Lembra-se então a importância de uma boa escolha e os motivos que a devem determinar. Quase sempre a designação é feita por unanimidade. É claro que não temos direito a voto. O assunto é resolvido pelas môças. Se durante o ano uma delegada deixa o pensionato, uma substituta é designada.

O conselho nomeia entre os membros um grupo composto de sete jovens, que ficam a serviço do conjunto do conselho :

- uma responsável pelas relações com outros pensionatos
- uma secretária
- uma responsável pelas atividades culturais
- uma responsável pelas atividades recreativas
- uma tesoureira
- uma responsável pela recepção às novas
- uma responsável pela vida espiritual no pensionato.

Funcionamento. — O conselho se reúne todos os meses. Cada delegada deve se apresentar ou cuidar de se fazer substituir pela subdelegada ou um outro membro de seu grupo. As reuniões são franqueadas a tôdas. A ordem do dia é afixada com antecedência pela secretaria. Na reunião, são postas em comum tôdas as questões concernentes ao pensionato : regulamento, folgas, projetos, orçamentos. Cada uma expõe seu pensamento, num bom trabalho em conjunto. Juntas, pensamos os problemas do pensionato, no plano educativo, moral, religioso, cultural.

Papel da delegada. — A delegada tem um papel real na direção da casa. Traz, para o bom funcionamento desta, a sua colaboração e interessa o grupo na realização das soluções propostas. Toma a responsabilidade das môças de seu grupo, de quem recebe a ajuda necessária. Após as reuniões, deve colocar seu grupo a par dos resultados. Em geral, tôdas as delegadas levam muito a sério o seu papel. O simples fato de ter uma responsabilidade já lhes é salutar.

O que o conselho de pensionato traz às jovens :

- ajuda a assumir responsabilidades perante a vida;
- desenvolve :
 - a) o sentido do *esfôrço* — aprendem a lutar contra si mesmas (egoísmo, preguiça) e contra as dificuldades externas que julgam intransponíveis;
 - b) o sentido da *justiça* e da *retidão*;
 - c) o sentido dos *outros*, de onde deriva normalmente um desejo de apostolado;
 - d) o sentido de *vida em equipe*, da maior facilidade e eficiência do trabalho feito em grupo. Cada delegada aprende a descobrir o valor da outra, passando a atender e a aconselhar-se com as companheiras.

Algumas realizações. — A responsável pela recreação tem procurado levar as companheiras a lazeres sadios : passeios em grupo, filmes interessantes, peças de teatro. Cada semana, uma delegada assegura, com a ajuda de seu grupo, a preparação da missa do domingo, ao passo que uma outra prepara os cânticos.

Duas vezes por ano, por ocasião dos retiros das religiosas, nós lhes confiamos a casa. A maneira como prestam contas de seu governo demonstra a consciência com a qual desempenham seu papel.

Uma dezena de nossas moças se preocupa com problemas de outros abrigos femininos. Assim é que participaram de um encontro nacional dos JAF (Jovens Animadores de Abrigos), organização dependente da UFJT (União dos Abrigos de Jovens Trabalhadores). Elas têm consciência e se orgulham de terem levado a êle uma nota cristã.

Em resumo, o conselho de pensionato permite às educadoras representar plenamente seu papel, obrigando, de certo modo, as jovens a se ultrapassarem a si mesmas. É uma prova do valor das jovens de hoje.



Deseja alguém adquirir o hábito do recolhimento, quanto depende de nós? Não se espalhe, não se desperdice inutilmente, mas concentre-se e esforce-se para seu próprio bem, utilizando até os sentidos em benefício da vida interior. Se tem que falar, lembre-se de que, no fundo do coração, tem alguém com quem falar; se lhe falam, não se esqueça de que deve ouvir interiormente Aquêle que lhe fala de mais perto. Lembrar-se-á também que pode, se quiser viver continuamente na companhia divina e que, se deixar só, por muito tempo, o Pai celeste... êle se magoará!

SANTA TEREZA — em Caminho da Perfeição



Se caíres numa doença, oferece as tuas dores, a tua prostração e todos os teus sofrimentos a Jesus Cristo, suplicando-Lhe de os aceitar em união com os merecimentos de sua Paixão. Lembra-te do fel que êle bebeu por teu amor e obedece ao médico, tomando os remédios e fazendo tudo o que determinar por amor de Deus. Deseja a saúde para O servir, mas não recusa ficar muito tempo doente para obedecê-LO e mesmo dispõe-te a morrer, se fôr a sua vontade, para ir gozar eternamente de sua gloriosa presença.

SÃO FRANCISCO DE SALES — em Filotéa



Nunca, até nos séculos de ferro da maior decadência da Igreja, e apesar de todos os erros e pecados dos homens que servem, nunca ela deixou de conduzir os homens a Jesus Cristo, o Salvador, e de lhes comunicar a sua palavra e a sua graça.

Quanto menor era a fidelidade dos homens às exigências do Evangelho que ela lhes pregava, tanto maior era o testemunho heróico dos santos em favor do espírito sempre presente nela, como o Senhor prometera.

Consultas

IV — APROVEITAMENTO DAS RELIGIOSAS NOS CARGOS

“Visto que a província conta já mais de meio século, não nos parece fora de propósito que as irmãs brasileiras passem a fazer parte do conselho provincial, como membros do mesmo, e a assumir ainda outros cargos de responsabilidade tais como o de Mestra de Noviças, Economato etc., visto já terem dado provas de capacidade para tais cargos” — assim escreve uma irmã. A responsabilidade pelas qualidades reais das irmãs, julgadas capazes de ocupar cargos dentro da congregação ou da província, é uma questão de consciência, em parte para a irmã que as afirma, em parte para as superiores maiores que as não viram ou ainda não descobriram. Verdade se diga que, não poucas vezes, as irmãs atribuem a si ou a outras qualidades que as superiores, por observarem mais nítida e exatamente as coisas, não conseguem enxergar.

Isto pôsto, quer-nos parecer que uma congregação com 50 anos de existência num país, contanto que tenha zelado pelas vocações, deve dispor de elementos que mereçam a confiança das superiores maiores, mesmo para ocuparem cargos de responsabilidade. Nada, no entanto, é mais prejudicial do que uma pressa descabida. As próprias irmãs brasileiras hão de ter o cuidado que não sejam decepcionadas ou iludidas na sua boa fé pelas próprias colegas. Por conseguinte, as que subirem devem ter as qualidades requeridas, porque só assim conseguirão vencer as opiniões contrárias. Advertimos, porém, que as próprias brasileiras devem ser as primeiras a protestar, quando se constatar uma distribuição de cargos a coirmãs suas sem o devido critério. As religiosas estrangeiras sabem perfeitamente que não estão no Brasil para governar a província com elementos exclusivamente de sua nacionalidade, mas para criar províncias brasileiras, entregando às irmãs nativas a sua direção, logo que as mesmas estiverem em condições de tomar as rédeas. Estarão convencidas de que, se o fizerem com o cuidado indispensável e o critério seguro, reclamados pela importância do assunto, serão eternamente benditas e estimadas. Agiria mesmo contra as intenções da Santa Sé quem, dolosa ou imprudentemente, quisesse impedir a ascensão daquelas às quais, um dia, forçosamente caberá a direção das instituições nessa parte da congregação. Nenhuma se sinta magoada com o procedimento um tanto imprudente deste ou daquele elemento estrangeiro, mesmo quando disser uma palavra impensada.

De outro lado, as irmãs não cedam demasiado à pressa, uma vez que, Deus querendo, não lhes faltará o tempo de carregar a cruz da responsabilidade e de assegurar o futuro da congregação. Estranhará talvez a missivista que os nossos ouvidos, mais de uma vez, tenham escutado a exclamação: "Deus me livre de uma superiora brasileira; prefiro uma estrangeira!" As próprias irmãs, com certeza, poderão acrescentar outros exemplos semelhantes. Isso, além de exagêro, não reflete certamente o verdadeiro espírito religioso. O que importa, é precisamente que em tudo prevaleça o sentimento genuíno de um espírito de família que não faça distinção entre troianos e espartanos, apenas por motivos de nacionalidade. É claro que certos matizes se conservam apesar de tudo isto, mas a cisão constitui um grande mal que não traz nenhum proveito ou brilho à congregação.

Julgamos, portanto, que uma província com meio século de existência deve ter irmãs brasileiras capazes de ocupar certos cargos, sobretudo o ofício tão importante de Mestra de Noviças. Esta, porém, merecerá uma atenção toda especial, porque de sua atuação vai depender, em grande parte, o estado espiritual da província, seu progresso ou descalabro. Na oportunidade própria, apresentem as candidatas, sendo então de supor que as estrangeiras dêem graças a Deus por terem encontrado a que desde muito procuravam. As irmãs estrangeiras, por sua vez, tudo façam para que a união entre as irmãs seja fortalecida e a concórdia intensificada para o bem da província e maior glória de Deus. Porque virá o dia em que não só daremos contas do mal praticado mas outrossim do bem que, por nosso descuido ou incúria, deixou de ser feito.

FREI FRANCISCO XAVIER BOCKEY, O.F.M.

Sem dúvida, somos responsáveis pela salvação de nossos irmãos e irmãs. Mas seria lícito consolar-nos com a convicção de que não somos obrigados a empreender atividades alheias à nossa situação. Somos cristãos e conseqüentemente apóstolos — dentro e através de toda a situação, em que Deus nos coloca. Não seria justo ocultar a nós mesmos esta missão característica, incumbindo-nos de tarefas estranhas.

KARL RAHNER S. J. — em *Missão e Graça*, 1.º volume

A Superiora Geral das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada comunica com júbilo a notícia de a Santa Sé haver aprovado definitivamente, por Decreto assinado no dia 8 de dezembro último, as Constituições de sua Congregação.

Ao novel e benemérito Instituto de direito pontifício — com casa-mãe em São José dos Campos, SP — a Diretoria da CRB, ao mesmo tempo que se congratula, apresenta sinceras felicitações.

Note e Anote

ENCONTROS DE MESTRAS E MESTRES DE NOVICIADO — II

III — A SAGRADA EUCARISTIA NA CONSTITUIÇÃO : TEOLOGIA E REFORMAS PASTORAIS

(Algumas questões suscitadas pela conferência de Dom
Cirilo Foch Gomes, O.S.B.)

1. *Quanto à "oratum fidelium", é o povo que a deve dizer só enquanto o sacerdote fica esperando? Ou este rezá-la-á também?*

— Como ainda não foi generalizado um costume certo a tal respeito, nada se deve começar a fazer sem determinação dos senhores bispos. No Rio já é permitido. Em São Paulo não foi promulgado. A praxe é que seja em número ímpar. Espere-se o formulário, que virá.

2. *Se a santa Missa é memorial da Paixão e do triunfo de Cristo, por que se diz que o edifício da igreja deve ser pobre etc..?*

— Devemos participar, aqui na terra, também dos sofrimentos, da pobreza de Cristo. Por enquanto, a ação transformante opera-se só em nossas almas. A Igreja é ainda a Igreja da Cruz. Cristo quer associar-nos à sua penitência. A Paixão tem que ser aplicada a cada um de nós, e é preciso que dela participemos. A salvação consta de *morte e ressurreição*. Depois, na visão da glória, ser-nos-á dado, então, gozar das magnificências de Cristo ressuscitado.

Quando dizemos que o Concílio fala da morte vitoriosa e do triunfo de Jesus, não está omitindo a Paixão e Morte. A participação da Cruz, isto é, o sofrimento é só uma etapa. É preciso inculcar êste otimismo. A cruz sucede a glória. O autodomínio, a mortificação das paixões não é só para um certo equilíbrio, mas tem algo de misticismo, de participação nos sofrimentos de Cristo.

3. *Mas o edifício da igreja sempre deve ser pobre, miserável?*

— Discordo. A Igreja sempre construiu basílicas, templos magníficos etc. (Ver cap. VII, n.º 123, da Constituição sobre a Sagrada Liturgia)

gia). Serão tidas em conta as conveniências de lugar. Em lugar pobre, a Igreja deve ser um conforto para o pobre; não algo que ofusque. Cristo mesmo, com seu exemplo, traçou um itinerário de vida humana.

4. De que modo realçar o aspecto pascal na Missa?

— É necessário meditar na vida de Cristo, mas não se deve esquecer que Jesus venceu a morte. Suas chagas são gloriosas. Nossa piedade poderá, então, ser uma piedade de memória, lembrando o herói sofredor que foi Jesus, e daí a evocação de atos ligados a um passado distante e uma religião de subjetivismos e sentimentalismos... Lembramos, sim, a visão clara dos sacramentos, através dos quais entramos em contato com Cristo, Cabeça de sua Igreja. E nunca é demais frisar que somos chamados a presenciar um grande mistério qual é o de Cristo sentado à direita de seu eterno Pai.

5. Qual a origem das palavras "misterium fidei" na Consagração do vinho?

— Não está na Bíblia. Foi introduzido pela Liturgia, através dos tempos. O principal mistério da fé (o mistério da Santíssima Trindade) está todo voltado para o mistério da Redenção, que lembra o Gólgota. Mistério não é só o que transcende a inteligência. São ações salvíficas de Deus, com seu ponto culminante em Jesus.

6. Com base na Constituição, como formar nas noviças o verdadeiro espírito litúrgico?

— Dar um sentido unitário da História Sagrada, centralizada no Mistério pascal. Despertá-las para a Sagrada Escritura, para a Palavra de Deus. O espírito litúrgico é inseparável do espírito bíblico. Exercitá-las na participação concreta. A Liturgia é aliança com Deus; é santificação e culto. Façam-se comunhões piedosas, promovendo também a vivência dos fiéis. Fazê-las sentir que estão prestando culto a Deus (sacerdócio dos cristãos).

7. Como explicar para todos a morte incruenta?

— Certo que a Missa é renovação da morte de Cristo. Mas, tal morte não mais é cruenta, pois que Ele ressuscitou e vive em sua perene transfiguração, o que o torna impassível. Para haver sacrifício, precisa, sim, haver imolação, mas não necessariamente derramamento de sangue. A alma do Sacrifício da Cruz é a oblação de Cristo, e isto se realiza no santo Sacrifício da Missa.

IV — OS DEMAIS SACRAMENTOS E OS SACRAMENTAIS NA CONSTITUIÇÃO

(Da conferência de Dom Cirilo Foch Gomes, O.S.B.)

1. *Que dizer da confissão semanal das religiosas?*

— O efeito *frutuoso* está em relação às disposições.

2. *Para o Batismo e a Eucaristia é fácil encontrar-se o sinal na Bíblia; mas poder-se-á dizer o mesmo dos outros sacramentos?*

— Sabemos, por exemplo, do uso da imposição das mãos e do grande significado que na Sagrada Escritura êsse gesto representava. Também o óleo que se emprega na administração de alguns sacramentos tem grande significado bíblico. A princípio, ungiam-se as pedras dos templos. Na Bíblia o significado de unção ocorria com o significado das unções naturais, por exemplo as unções dos atletas. O óleo da unção da Crisma deveria ser perfumado, simbolizando o odor de Cristo.

3. *Será que os sacramentos agem não “ex opere operato” mas sim conforme as disposições de quem os recebe?*

— Não. Há também o valor próprio do sacramental, ou melhor, a eficácia do sacramental está nas preces da Igreja e não depende só das disposições do sujeito; entretanto, as disposições condicionam melhor fruto.

4. *Pode se fazer celebrações ante o Santíssimo exposto?*

— Não está proibido, mas alguns liturgistas não acham conveniente. É o mesmo Verbo sob dois sinais.

5. *Quando começou o uso do confessionário? Pode se fazer confissão fora dêle?*

— Começou na Idade Média. A mulher só deve confessar-se no confessionário; fora dêle, a confissão é ilícita, salvo em caso de doença grave ou por outra necessidade verdadeira, observadas as cautelas estabelecidas pelo Ordinário do lugar.

6. *Pode se comungar a qualquer hora do dia fora da Missa?*

— Sim, quando ocorrer um ofício religioso, por exemplo a recitação do Ofício divino. Assim, nada impede que depois das Vésperas, no mosteiro, se ministre a sagrada Comunhão.

7. *Se a Eucaristia está sob as espécies do pão e do vinho, não seria razoável comungar sob as mesmas duas espécies?*

— Seria, mas é preciso ver a conveniência. A Constituição, no art. 55, diz bem a respeito: “nos casos a serem determinados pela Santa Sé”.

8. *Que dizer a respeito da recepção da sagrada Comunhão de pé e das genuflexões?*

— A Comunhão tem, com o simbolismo que é próprio ao alimento, a força necessária e adequada à marcha para a eternidade. A genuflexão e reverência à presença real de Jesus Cristo. Os dois aspectos são bíblicos.

9. *No Antigo Testamento, as crianças iam para o limbo?*

— Elas deveriam ter a mesma sorte das do Novo Testamento; não merecem punição por pecados atuais. Ninguém vai para o inferno só pelo pecado original.

10. *Qual a sorte dos adultos que viveram em boa fé, segundo a lei natural?*

— É vontade de Deus que todos se salvem; uma vez que correspondam às graças interiores, recebem as graças de Deus. A respeito dos pagãos do Antigo Testamento, era diferente, pois os sinais sagrados eram dados apenas ao povo de Deus; se tinham desejo de conhecer o verdadeiro Deus, eram salvos. Depois da Revelação, a Igreja é universal. Quem não se salva é porque não cooperou com a graça de Deus.

OUVINTES RELIGIOSAS CHAMADAS AO CONCÍLIO

1) Madre M. Sabine de Valon, Superiora Geral das Damas do Sagrado Coração (Roma) e Presidenta da União das Superiores Gerais;

2) Madre Mary Luke (EUA), Superiora Geral do Convento de São José do Monte Carmelo em Dubuque (EUA), e Presidenta da Conferência das Superiores Maiores dos Institutos Femininos;

3) Madre Marie de la Croix Khouzan (Egito), Superiora Geral das Irmãs Egípcias do Sagrado Coração e Presidenta da União das Religiosas Educadoras do Egito;

4) Madre Marie Henriette Ghanem (Líbano), Superiora Geral das Irmãs dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, Presidenta da Assembléia das Superiores Maiores;

- 5) Madre M. Juliana de Nosso Senhor Jesus Cristo, Secretária-Geral da União das Superiores Maiores da Alemanha;
- 6) Madre Guillemin, Superiora Geral das Filhas da Caridade;
- 7) Madre Estrada, Superiora Geral das Ancilas do Sagrado Coração;
- 8) Madre Balducci, Superiora Geral do Instituto Maria Santissima Menina.

Para as ouvintes religiosas não foi seguido o critério de escolher essa ordem mais do que aquela — seja pela celebridade, antigüidade ou número — mas dirigentes de confederações, federações ou associações internacionais, para representar tôdas as religiosas dos cinco continentes. A Austrália foi representada por uma ouvinte leiga. O número pode parecer restrito se pensarmos na multidão de religiosas de todo o tipo e ordem; porém, é sempre um símbolo que mostra como o Papa e a Jerarquia estimam e honram o serviço que elas rendem tão generosamente à Igreja.

(L'OSSERVATORE ROMANO, 28 de setembro de 1964)

INSTITUTO SUPERIOR DE PASTORAL LATINO-AMERICANO (ISPLA) (Centro de Promoção Pastoral do CELAM)

Por iniciativa do CELAM foi criado, em Santiago do Chile, o Instituto Superior de Pastoral Latino-Americano. Inicialmente, funcionará de maneira itinerante para atender a regiões ou nações que solicitarem sua colaboração. É provável que mais tarde se torne uma faculdade para estudos de pastoral, com sociologia e sociografia religiosa, em colaboração com alguma Faculdade de Teologia latino-americana.

Além dos cursos itinerantes, visa este Instituto ajudar a promover institutos de pastoral nacionais ou regionais, promover cursinhos e jornadas de atualização pastoral, servir a dioceses necessitadas com um centro de documentação, manter a revista *Pastoral Popular* para fazer chegar a toda a América Latina os ecos mais interessantes da renovação pastoral, colaborar no que fôr necessário em prol da pastoral religiosa da América Latina, etc.

Os cursos itinerantes são dados em dois ou três meses, a pedido dos bispos de regiões ou nações da América Latina. São dirigidos ao clero tanto secular como regular. Pela sua estrutura permitem ao clero descobrir por si mesmo as orientações pastorais necessárias.

Financeiramente, esses cursos funcionam da seguinte forma: o ISPLA paga as viagens dos professores e animadores de sua equipe, assim como lhes dará uma remuneração. Por sua parte, quem faz o convite paga os professores locais e ainda a hospedagem para todos eles.

Para qualquer informação mais detalhada, dirigir-se à ISPLA, Apartado 479, GUERNAVACA — México.

(Condensado do Boletim Informativo do Conselho Episcopal Latino-Americano, n.º 76, Junho, 1964, pp. 183-185)

CRB Informa

CRB-Nacional — Com a presença de numerosa assistência de autoridades eclesiásticas e religiosas e de especialistas em matéria de estatística e de investigação, foi inaugurada solenemente, no passado dia 27 de dezembro, às 18 horas, a sede do CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS (CERIS), situada à Rua Dr. Júlio Ottoni, 571, Santa Teresa, Rio de Janeiro (ZC-45), GB. Fundado em outubro de 1962 pela CNBB e pela CRB, abrange o CERIS quatro departamentos: 1) o de Estatística (o antigo Departamento de Estatística da CRB, confiado ao Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado); 2) o de Investigação sócio-religiosa; 3) o de Investigação sócio-econômica; 4) o de Formação social.

O Emmo. Sr. Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, presidindo a parte religiosa da inauguração, celebrou a santa Missa e benzeu a nova sede. Presidindo a parte social, deu posse à Assembléia e à Diretoria do CERIS o Exmo. Sr. Núncio Apóstolico. O Presidente da Assembléia, Dr. Manuel Diegues Júnior, falando na ocasião, agradeceu a confiança que lhe fôra votada ao empossá-lo no seu nôvo cargo. Padre Gregory, Diretor-Geral do CERIS, teve palavras de reconhecimento pela presença dos convidados e demais pessoas, passando a traçar em linhas largas os trabalhos e planos do CERIS. Entre os presentes estava também o Sr. Arcebispo de Brasília que, falando, lembrou a importância que a nova capital representa para a Igreja no Brasil. A encerrar a sessão, o Sr. Núncio Apóstolico destacou o papel que o CERIS representa para a Igreja, e de um modo especial para a Pastoral no Brasil, agradecendo ao mesmo tempo os trabalhos já realizados pelo Departamento de Estatística em favor também da Nunciatura e confiando que no futuro sempre maiores frutos haverá de auferir do nôvo Centro.

Por mútuo entendimento entre a CNBB e a CRB, foram indicadas as seguintes pessoas para integrarem os dois órgãos do CERIS (a Assembléia e a Diretoria):

Membros da Assembléia: Presidente: Sr. Dr. Manuel Diegues Júnior; Vice-Presidente: Sr. Dr. Rubens Porto; restantes membros: Dom Jaime de Barros Câmara, Dom Agnelo Rossi, Dom Martinho Michler, O.S.B., Dom José Gonçalves, C.S.S.R., Dom Hélder Câmara, Dom Valdir Calheiros, Dom Castro Pinto, Dom Cândido Padim, O.S.B., Mons. Hilário Pandolfo, D. Timóteo Amoroso Anastácio, O.S.B., Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M., Pe. Pascoal Filippelli, S.D.B., Pe. Virgílio Rosa Neto, C.S.S.R., Pe. Jaime Snoeck, C.S.S.R., Pe. Hugo Paiva, C.M., Frei Antônio Rolim, O.P., Pe. José Marins, Sr. Eurico

van Roosmalen, Dr. Cândido Mendes, Sr. Luiz Alberto Gomes de Souza, Pe. Winfredo Plage, A.A., Pe. Antônio Aquino, S.J., Irmã Mary Donzellini, M.J.Cr., Irmã Maria Hylma Lopes Ceva, M.J.Cr.

Membros da Diretoria : Diretor-Geral : Pe. Afonso Gregory; Vice-Diretor : Pe. Domingos Donida, S.J.; Secretária : Sra. Marina Bandeira; Chefes de Departamentos e Conselheiros : Madre Maria da Conceição Menezes, M.J.Cr., Pe. Fernando de Bastos Ávila, S.J., Pe. Tiago G. Cloin, C.SS.R., Pe. Caramuru, Dr. Paulo Assis Ribeiro, Dr. Mário Ritter, Pe. Godofredo Deelen, SS.CC.

CRB-BA — No Instituto Nossa Senhora da Salette, no passado dia 21 de dezembro, realizou-se o I ENCONTRO DE DIRETORES, VICE-DIRETORES E ORIENTADORES DOS COLÉGIOS RELIGIOSOS DE SALVADOR, promovido pela Equipe de Renovação dos Educandários da CNBB, Secretariado Nordeste III.

A abrir o Encontro, falou o Padre Belchior Maia d'Athayde, S.D.B. : a seguir Frei Clóvis, O.F.M., apresentou "Planos Catequéticos para o Curso Primário"; por fim, a Irmã Maria Montenegro sugeriu o "sentido do dia" apelando para a necessidade de fazer uma "revisão de vida", sempre dentro da mentalidade da Igreja.

Constituíram-se três equipes de trabalho, às quais foi distribuído um questionário sobre o "espírito de família na escola", já com abertura para o espírito missionário e o espírito de cultura. Vários resultados objetivos e de ordem prática, inclusive com elementos para um roteiro de trabalhos futuros, comprovaram o significado e o interesse desta reunião de fraternidade.

Ocorre assinalar a visita honrosa e a palavra encorajadora de S. Exa. Revma. o Sr. Dom Eugênio Sales, empenhando seu apoio e simpatia à iniciativa. Disse êle : "em matéria de renovação avolumam-se as dificuldades no tocante aos colégios". E não deixou de advertir : 1) se não houver "inteligência", é quase impossível o trabalho de renovação; 2) ao levar a mensagem, é preciso muita paciência e muita prudência, para que nosso zelo não destrua "pessoas"; 3) não utilizar a "renovação" como pretexto para coisas erradas".

CRB-ES — Tem a seção estadual da CRB no Espírito Santo continuando a concentrar o melhor de seus esforços no CURSO SUPERIOR DE RELIGIAO PIO XII, 42 alunos, entre os quais 7 religiosas, matricularam-se no ano 1964.

No fim do ano letivo, em 5 de dezembro, houve missa em ação de graças na capela do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, onde fôra dado o curso. Padre Mateus Panizza, Presidente da CRB-ES, em presença dos professores, procedeu, depois, à entrega dos certificados a 21 alunos que terminaram o curso.

CRB-RS — Como partes de maior destaque entre as atividades da seção estadual da Conferência no Rio Grande do Sul, levadas a efeito durante 1964, registram-se as seguintes :

● De 30 de janeiro a 15 de fevereiro, **CURSO DE CANTO PASTORAL E LITURGIA**, ministrado por uma equipe de professores da Comissão Arquidiocesana de Música Sacra do Rio de Janeiro. Mais de 300 cursistas, na maioria religiosos e religiosas. Afora outras promoções, houve dois programas na TV-Piratini e Missa Solene de encerramento na Igreja das Dores. Todos os participantes receberam diploma.

● Tendo em vista o exame programado pela Fiscalização de Medicina, o Departamento de Assistência à Saúde da CRB-RS — secretariado pela Irmã Eunice, franciscana — realizou, no mês de agosto, um **CURSO PARA OPERADORES DE RAIOS X**, com duração de três semanas.

● Durante os meses de maio, julho e setembro, realizaram-se três **ENCONTROS DE MESTRAS DE NOVIÇAS**, sendo o último paralelo ao Curso de Orientação Vocacional. Procedentes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, a média de frequência foi de 30 a 35 mestras, de 20 a 25 congregações.

● Nos dias 2, 3 e 4 de outubro, o **ENCONTRO DE FARMACÊUTICOS** congregou 102 religiosas farmacêuticas. Houve dois dias de estudos e debates sobre os problemas da farmácia e um dia de recolhimento espiritual, na Vila Manresa. As irmãs foram unânimes em elogiar os méritos e a oportunidade do encontro. Criou-se um Conselho de Farmácia, encarregado de se manter ao par das inovações, novidades, exigências, problemas etc. e transmiti-los às colegas do interior. Pretende a CRB-RS transformar este Conselho em Departamento de Farmácia. O encontro se repetirá no segundo semestre de 65, em data a ser determinada.

● Na Vila Manresa, de 22 a 31 de maio, houve o **RETIRO DE MESTRAS DE NOVIÇAS**, no qual participaram 28 mestras, de 20 congregações, dos três Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, sendo pregado pelo Padre Víctor Steffen, S.J., Presidente da seção estadual rio-grandense-do-sul da CRB.

● Conforme foi noticiado a seu tempo, quatro **RETIROS PARA SUPERIORAS LOCAIS** se proporcionaram. Dois na segunda quinzena de julho, para superiores de casas de educação, em São Leopoldo e Passo Fundo. Foram pregadores Padre Silvino Arnhol, S.J., e Padre Víctor, S.J.; os dois últimos, em agosto, especializados para superiores de hospitais e outras obras, foram em Porto Alegre e Santa Maria, com os mesmos pregadores. Ao todo, 280 madres fizeram retiro.

● A encerrar o ciclo de retiros da CRB-RS, houve o **RETIRO ANUAL DAS SUPERIORAS MAIORES**, também na Vila Manresa, de 8 a 15 de novembro. Nêle tomaram parte 2 gerais, 24 provinciais, 3 assistentes gerais e três assistentes provinciais, tôdas dos três Estados do Sul. Pregador foi, mais uma vez, o Padre Presidente da CRB-RS.

Recensões Bibliográficas

J. J. DOURADO — *Oriente Médio*,
Editôra Vozes, Petrópolis, RJ,
211 pp.

É a narrativa do dia a dia da tropa brasileira, constituída pelo chamado batalhão de Suez, feita pelo seu capelão J. J. Dourado.

Nada de pretensioso no livro senão a de nos dizer como ali vivem os nossos soldados, com a nobre missão de manter a paz entre dois inimigos irreconciliáveis e sempre dispostos a se engalinharem. Enquanto isso, pingam aqui, pingam ali informações históricas de que aquelas regiões estão refer-tíssimas. Por vêzes, tais pingos se ajuntam tanto que vêm a constituir riachos ou pequenas lagoas. Por exemplo, que valiosas que são as narrações ou descrições, quase tôdas elas de conteúdo bíblico, subordinadas aos títulos: Rafah, Gaza, Beirut, Sidon, Em Damasco, Jeraeh, Na Península do Sinai, Cairo, Mênfis, etc. etc.! Que belas lições de história, simplesmente bem contadas! Com que agrado se lêem e com que proveito se vão memorando os costumes locais, as paisagens, as surpresas, as reações de uns e de outros, dos que palmilham aquelas terras! Tudo num estilo desataviado, mas colorido e atraente.

Admiramo-nos que, no meio desses encantos, nos aparecesse ao menos duas vêzes (pp. 34 e 151) o verbo "haver" pela preposição "a" em construções como: Há poucos quilômetros de Damasco... Co-chilo do autor ou distração do revisor?

Em todo caso, ORIENTE MÉDIO é uma excelente e instrutiva leitura que educa ao mesmo tempo que distrai. Muitas assim houvesse.

I. J. D.

J. P. GALVÃO DE SOUSA — *Socialismo e Corporativismo em Face da Encíclica "Mater et Magistra"*
Editôra Vozes, Petrópolis, RJ,
96 pp.

Todos sabemos da ressonância mundial da Encíclica *Mater et Magistra*, tanto no campo da Igreja, como fora dela. As referências à citada Encíclica, geralmente simpáticas, foram numerosíssimas, embora nem sempre exatas. Foi o que sucedeu em comentadores comunistas, ao ressaltar-lhe apenas o que parecia favorecer sua doutrina marxista ou deturpando até textos ou palavras, como ocorreu com o termo "socialização" e o cognato "socialismo".

Neste opúsculo, Galvão de Sousa procura retificar tais atitudes ao mesmo tempo que repele como incongruente o mal denominado "socialismo cristão" e preconiza a adoção do "corporativismo", para a questão do problema social. Para tanto, mostra a posição da Igreja, refutando a teoria socialista e propondo o corporativista, segundo o pensamento social dos quatro últimos papas: Leão XIII, Pio XI, Pio XII e João XXIII.

Não é extenso o texto, apenas 96 páginas, mas riquíssimo de conteúdo. Bela síntese interpretativa do que a Igreja tem de mais substancial no assunto.

I. J. D.

SUZANNE LABIN — *A Guerra Política*, Editôra Presença, Rio de Janeiro, 67 pp.

Constitui, o texto deste opúsculo, o relatório distribuído na Conferência Internacional sobre a Guerra Política dos Soviéticos, a 1 de dezembro de 1960. É este relatório, por sua vez, o resumo do livro da mesma autora, intitulado

IL EST MOINS CINQ, traduzido, prefaciado e anotado por Carlos Lacerda, sob a denominação EM CIMA DA HORA.

A au'ora, conhecida internacionalmente por suas atividades jornalísticas, conhece profundamente o assunto versado e é muito segura em suas informações, tendo já publicado se'e volumes sôbre questões relacionadas com o comunismo. Um dêles, TECHNIQUES OF SOVIET PROPAGANDA, teve uma edição de 350 000 exemplares, feita por conta do Senado norte-americano.

A leitura do opúsculo em pauta é impressionante pela análise esquematizada que nos apresenta sôbre a propaganda comunista no mundo inteiro. Nenhum democracia deveria deixar de ler tal trabalho e tomá-lo como matéria de exame de consciência democrática. Infelizmente, apesar da gravidade do que tra'a seu conteúdo, tais textos são pouco conhecidos, não nos admirando pois que as idéias satânicas do comunismo empolguem as massas.

I.J.D.

PADRE ISAC LORENA, C.S.S.R. —
— *Oremus*, Edições "Santuário de Aparecida Ltda.", Aparecida, SP, 1963, 1 vol. br., 180x135 mm, 416 pp.

No subtítulo, o autor explica que OREMUS enfaixa *Pensamentos para a Meditação de todos os dias*, tendo por objetivo a "Preparação e Ação de graças à Santa Missa". As pequenas meditações de apenas uma página visam sobremodo as obrigações da vida sacerdotal.

São, em grande parte, uma espécie de oração de colóquio com Deus. Dando-lhes uma forma tão sucinta, o autor teve em mira os dias em que circunstâncias não trão facilitar a nossa meditação, mas fácil ou difícil ela será sempre uma prova da nossa fidelidade ao Mestre. Cada meditação é encimada por uma curta frase do santo Evangelho. Bem diz o autor que o lugar do livrinho não deve ser a biblioteca, mas o genuflexório do padre. Desta maneira, tornar-se-á um vademécum útil do levita do Senhor.

Fr.Fr.X

REVISTAS

Do Brasil:

Cidade Nova — Ano V, n.ºs 2 e 3 1964, São Paulo.

Convivium — novembro 1964, São Paulo.

Límiar — outubro 1964, Rio de Janeiro.

Seleção Missionária — jan.-fevereiro 1965, São Paulo.

Verbum — setembro 1964, Rio de Janeiro.

Vozes — dezembro 1964, Petrópolis, RJ.

Do Exterior:

Boletim Informativo do CELAM set.-outubro 1964, Bogo'á.

Christus — outubro 1964, Paris.

CONFER — julho-setembro 1964, Madri.

Itinerarium — julho-setembro 1964, Braga.

Les Cahiers du Clergé Rural — novembro 1964, Sèvres (França).

Lumen — novembro 1964, Lisboa.

Orientations — julho 1964, Paris.

Prêtres Diocésains — novembro e dezembro 1964, Paris.

Religieuses d'Action Hospitalière et Sociale — novembro e dezembro 1964, Paris.

Rivista delle Religiose — novembro 1964, Roma.

Rivista di Pedagogia e Scienze Religiose — set.dezembro 1964, Turim.

Vida Religiosa — nov.-dezembro 1964, Madri.

Vinculum — set.-outubro 1964, Bogotá.